

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

INEZ REPTTON DIAS

Hibridação Cultural e Educação Ambiental:
memórias de uma comunidade rural de Uberlândia.

UBERLÂNDIA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

D541h Dias, Inez Reptton, 1980-
2012 Híbridaç o cultural e educa o ambiental : mem rias de
uma comunidade rural de Uberl ndia / Inez Reptton Dias. -
2012.

106 f. : il.

Orientadora: Lucia de F tima Estevinho Guido.

Disserta o (mestrado) – Universidade Federal de
Uberl ndia, Programa de P s-Gradua o em Educa o.

Inclui bibliografia.

1. Educa o - Teses. 2. Educa o ambiental – Uberl ndia
(MG) - Teses. I. Guido, Lucia de F tima Estevinho. II.
Universidade Federal de Uberl ndia. Programa de P s-
Gradua o em Educa o. III. T tulo.

CDU: 37

Hibridação Cultural e Educação Ambiental: memórias de uma comunidade rural de
Uberlândia.

Inez Repton Dias

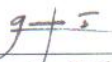
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes e Práticas Educativas.

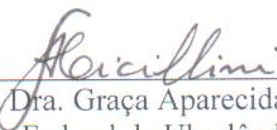
Examinada em 28 de fevereiro de 2012.



Profa. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Profa. Dra. Graça Aparecida Cicillini
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Aqueles que fizeram parte desta pesquisa, partilhando comigo suas memórias, possibilitando-me, também, reviver minhas lembranças de família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela conquista alcançada e a oportunidade de conhecer as histórias que me arrisco a registrar nesta dissertação.

À minha orientadora Profa. Dra. Lucia de Fátima Estevinho Guido, pela confiança e generosidade. Por partilhar comigo seus conhecimentos e por me ensinar a ver e rever os dados deste trabalho.

Aos professores membros da banca examinadora: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, Profa. Dra. Graça Aparecida Cicillini pela gentileza de suas contribuições e correções. À Profa. Dra. Elenita Pinheiro Queiroz Silva e a Profa. Dra. Marilda Schuwartz agradeço pela consideração com meu trabalho.

Aos meus colegas do grupo de estudo e pesquisa em Educação Ambiental e aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. À CAPES, pelo apoio financeiro.

À comunidade de Tapuirama, seus moradores, professores, funcionários e alunos da Escola Municipal Sebastião Rangel, agradeço pela convivência e participação na pesquisa.

Ao Djalma Ribeiro Júnior (UFSCar), pela valiosa presença na construção coletiva do documentário “Causos do Cerrado”.

À minha mãe, minhas irmãs e minha família pelo carinho de sempre. Aos meus amigos, obrigada!

RESUMO

DIAS, Inez Repton. **Hibridação Cultural e Educação Ambiental**: memórias de uma comunidade rural de Uberlândia. 106 f. Dissertação- (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

O trabalho de pesquisa aqui apresentado investiga como a ideia de meio ambiente pode ligar-se às questões culturais e ao modo como o conhecimento popular sobre plantas do Cerrado pode ser trabalhado em propostas de educação ambiental. Ao considerar a riqueza dos processos de hibridação cultural e sua vinculação a esse conhecimento, buscaram-se as memórias dos conhecedores de plantas, sobre suas tradições e experiências de vida registradas em documentário. Para compreender como os moradores do distrito rural, estudado neste trabalho, percebem a sua própria cultura e a relação estabelecida com o meio ambiente, foi proposto aos alunos de sua escola municipal um registro fotográfico da localidade. As narrativas e imagens produzidas, ao longo da pesquisa, apresentam indícios de que a cultura dessa comunidade está inserida em um contexto hibridizado, uma vez que tanto os conhecimentos adquiridos pela experiência vivida quanto os recursos científicos caracterizam seu modo de vida. Essa condição pode ser verificada especialmente nos depoimentos dos conhecedores de plantas para o documentário sobre a valorização dos costumes e tradições antigas em paralelo a aceitação da atualidade. A linguagem midiática, representada pelas fotografias e videogravações, permitiu a interação entre os conhecedores de plantas e os alunos na divulgação da relação histórico-cultural estabelecida por essa comunidade com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental. Conhecimento popular. Artefatos midiáticos.

ABSTRACT

DIAS, Inez Reptton. Cultural Hybridization and Environmental Education: memories of a rural community of Uberlândia. 106 f. Dissertation (Masters Degree in Education) – Federak University at Uberlândia. Uberlândia, 2012.

This research paper deals with the idea of how environment can be associated to cultural issues, and the way popular knowledge on *Cerrado* plants can be worked on environmental education proposals. Considering the wealth of cultural hybridization processes, and their linking with that knowledge, memories of a rural community regarding its members' traditions and life experience were sought and registered in a documentary. To understand how the inhabitants of that community get to know their own culture and their relationship with the environment, the students of its municipal school were proposed to make a photographic record of the local. The narratives and pictures produced throughout the research show that the community culture is inserted in a hybridized context, once both the knowledge acquired by the inhabitants' life experience and the scientific resources characterize their way of life. This condition can be verified especially by the testimony of the plant experts for the documentary about the recovery of ancient customs and traditions in parallel with acceptance of modernity. Valuing the media language presented by the pictures and videos has allowed an interaction between the pants experts and the students at the divulgation of the cultural-historic relation established by the community with the environment.

KEYWORDS: Environmental education. Popular knowledge. Media artifacts.

LISTA DE ABREVIACÕES

Cp: conhecedor de plantas

Al: aluno

Tp: Tapuirama

Cp 01 Tp: conhecedor de plantas, morador do distrito de Tapuirama.

Cp 02 Tp: conhecedora de plantas, moradora do distrito de Tapuirama.

Cp 03 Tp: conhecedora de plantas, moradora do distrito de Tapuirama.

A numeração de 01 a 03 determina a ordem na qual os depoimentos são editados no documentário.

Cp 06: conhecedor de plantas, morador do outro distrito onde também foi gravado o documentário “Causos do Cerrado”.

Al 01 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 02 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 03 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 04 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 05 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 06 Tp: aluno da escola municipal de Tapuirama.

Al 07 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 08 Tp: aluno da escola municipal de Tapuirama.

Al 09 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 10 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 11 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 12 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 13 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 14 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

Al 15 Tp: aluna da escola municipal de Tapuirama.

A numeração de 01 a 15 identifica os alunos que participaram desta pesquisa.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I	
Percurso metodológico	15
Capítulo II	
Cultura: “O tempo vivo da memória”?	24
Capítulo III	
Natureza, Ambiente, Sociedade e Cultura	38
Capítulo IV	
Lembranças, do que e para quem? As memórias narradas no filme e nos registros videográficos	56
4.1 Tempo e memória no conhecimento popular sobre plantas	59
4.2 O documentário como dispositivo de aprender e ensinar sobre o uso de plantas	71
Considerações finais	
Construindo e desconstruindo a pesquisa	83
Referências	87
Anexos	
Anexo 1	92
Anexo 2	93
Anexo 3	96
Anexo 4	98

INTRODUÇÃO

Compreender os motivos que me levaram a desenvolver esta pesquisa implica conhecer minha trajetória profissional e pessoal. Sou licenciada e bacharel em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Uberlândia. Recordo-me que, desde a infância, quando passava próximo ao *Campus* Umuarama dizia que um dia iria estudar nessa “escola”. É bem verdade que ser professora não era um sonho de menina, mas, ao longo da graduação, mesmo me dedicando à pesquisa na área da bioquímica, identificava-me bastante com as disciplinas da licenciatura.

Na Iniciação Científica, desenvolvi algumas pesquisas para a caracterização de proteínas da geléia real de abelha (*Apis mellifera*) e sua possível ação no tratamento de alergias respiratórias. Paralelamente ao bacharelado também cursava a licenciatura. A disciplina de Psicologia da Educação foi uma das mais interessantes para mim. Creio que as teorias sobre ensino e aprendizagem são fundamentais para a formação do professor. Nas disciplinas de Didática e Estágio Supervisionado, penso que se o trabalho tivesse sido mais profundo, traria maior segurança no enfrentamento da profissão. Um fato marcante em minha formação inicial aconteceu quando a professora da Prática de Ensino de Ciências solicitou que, ao longo do semestre, construíssemos um portfólio. Lembro-me que, no final, ela me elogiou perante meus colegas e pediu para ficar com o meu portfólio. Nessa trajetória, seguir a carreira docente, por mais que me despertasse o interesse, também me causava certo temor.

Depois de formada trabalhei em uma multinacional de fabricação de bebidas. Uma de minhas atribuições era o treinamento dos operários a fim de garantir a qualidade dos produtos fabricados, além das ações ligadas à responsabilidade socioambiental. Durante os anos em que trabalhei nessa empresa, fiz cursos de especialização na área de Educação Ambiental e Psicopedagogia, incentivados financeiramente pela empresa e promovidos pela Universidade Federal de Uberlândia. Ambos foram indubitavelmente importantes para minha formação. Posso dizer, porém, que especialmente no curso de Psicopedagogia fui me percebendo como professora e reconhecendo que é preciso favorecer o desenvolvimento autônomo do aluno.

Ao final de três anos fui convidada por uma escola da rede particular de ensino para ser professora de Ciências do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Esse foi um momento difícil, pois eu estava descobrindo, na prática, minha vocação profissional,

deixando um emprego relativamente estável para me arriscar em um terreno de incertezas e de muitos obstáculos. Confesso que minha primeira impressão ao entrar na sala de aula como professora foi a de “sair correndo”. A situação foi se tornando insustentável à medida que minhas expectativas não eram atendidas e a cobrança dos pais, dos alunos e da equipe pedagógica era maior do que as recompensas.

Depois de muitos questionamentos pessoais, no início do ano seguinte fui contratada pela rede municipal de ensino para ser professora de Ciências, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Naquela época, podia-se optar pela escola onde trabalhar. Com poucas expectativas, escolhi uma escola da zona rural situada em um dos distritos do município. Mesmo sabendo que era uma das mais distantes da minha casa e que teria que acordar muito cedo para pegar o transporte escolar, optei por aquela escola. Meu receio de que a situação do ano anterior se repetisse foi substituído pela acolhida dos colegas professores e dos outros funcionários da escola, além do carinho da maioria dos alunos. Sobretudo para os alunos do 6º ano tudo o que eu oferecia, em termos de conteúdo e atividade, era sempre recebido com entusiasmo. Minha motivação pessoal e profissional logo estava bastante elevada.

Eram constantes os convites para que, nos finais de semana, eu voltasse ao distrito para participar de alguns encontros da comunidade como dos jogos esportivos entre as escolas do município, dos aniversários ou da Primeira Comunhão de alguns alunos. Sempre que possível eu aceitava o convite. Era interessante perceber que, como professora, eu era importante na vida deles e de suas famílias. Devo também comentar a contribuição de alguns pais para meu trabalho na sala de aula, auxiliando-me na aquisição de materiais específicos. Dessa experiência compreendi que poderia propor um trabalho com os alunos e a comunidade em minha pesquisa de mestrado.

Enfrentei problemas nessa e em outras escolas da rede municipal de ensino em que atuei por três anos e meio, nos períodos da manhã, tarde e até noite. No entanto, nem meus questionamentos pessoais, os problemas de indisciplina ou de aprendizagem, a cobrança excessiva, talvez até indevida, de outros pais e, em certos casos, da equipe pedagógica, sucumbiram minha vontade de desenvolver um trabalho de qualidade ou diminuíram a confiança da direção da escola e o reconhecimento dos alunos. Quando iniciei o mestrado, não mais assumi o cargo de professora, para me dedicar às disciplinas do programa de pós-graduação e à pesquisa, mas não me afastei totalmente do convívio com a comunidade e com a escola do distrito.

Como professora da Rede Municipal de Ensino, participei dos cursos de formação continuada em Ciências no CEMEPE¹. Nesses momentos de convívio com outros colegas docentes fui compreendendo melhor meu papel de professora e me aproximei novamente dos professores da graduação, com o desenvolvimento das atividades do projeto “*O potencial de uma proposta coletiva para o ensino de Biologia, na transformação da prática docente dos professores de Ciências do Ensino Fundamental*”² (parceria CEMEPE-UFU-FAPEMIG). Durante as atividades, participei do grupo de estudo e pesquisa em Educação Ambiental, desenvolvendo, com outros professores de Ciências, um trabalho de identificação do conhecimento popular sobre plantas medicinais com os alunos das escolas municipais³.

A proposta era que nós, professores de Ciências, fizéssemos um levantamento sobre quais as plantas eram conhecidas por nossos alunos e qual era sua relação com a flora. Nosso maior interesse era discutir o uso das plantas com potencial medicinal, especialmente, as nativas do bioma Cerrado. Os alunos deveriam responder um questionário sobre o tema. Em seguida, organizamos uma oficina pedagógica para a apresentação de algumas espécies vegetais com maior reconhecimento popular, elencadas em outro trabalho científico desenvolvido pelo Instituto de Biologia da UFU com financiamento da FAPEMIG⁴.

A partir das experiências docentes, da minha vivência com a comunidade de Tapuirama e da participação no projeto de formação continuada, desenvolvi o projeto de pesquisa apresentado à banca de seleção do Mestrado em Educação (do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia). Minha intenção era trabalhar questões sobre Educação Ambiental como mecanismo de valorização cultural dessa comunidade.

A proposta era, então, provocar discussões e resgatar as memórias sobre a relação dos moradores dessa comunidade com o meio ambiente. Desse modo, a maneira como a comunidade percebe o meio ambiente e o espaço onde vive, além das histórias

¹ CEMEPE- O Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz é uma instituição da Prefeitura Municipal de Uberlândia idealizada pela Secretaria Municipal de Educação, que atua na Formação Continuada dos professores e auxilia no desenvolvimento de projetos políticos pedagógicos das escolas municipais.

² Projeto coordenado pela Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha - UFU, financiado pela FAPEMIG – SHA1276/06.

³ Projeto coordenado pela Profa. Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido - UFU, submetido ao CNPq sob o título: “A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a Educação Ambiental de jovens e crianças”.

⁴ Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia - MG, financiado pela FAPEMIG - CRA1451/06.

sobre a utilização das plantas na alimentação ou no tratamento de doenças, passadas de geração a geração, as brincadeiras nos quintais e fazendas, as viagens, os passeios, a relação com os animais, o desenvolvimento agropecuário e outras fizeram parte do objeto deste estudo.

Os recursos midiáticos, como a fotografia e a construção de um documentário, foram utilizados para promover as discussões sobre a temática e proporcionar os encontros entre os alunos da escola, que, com a autorização de seus pais, se disponibilizaram a participar da pesquisa, e de alguns moradores mais velhos da comunidade indicados, previamente, pela própria comunidade como detentores do conhecimento sobre plantas. Por meio desses recursos e de outras metodologias como, construção de notas de campo e análise de narrativas (textuais e imagéticas), procuramos identificar e divulgar os saberes populares e as memórias dos moradores dessa comunidade sobre Plantas do Cerrado e Plantas Medicinais.

A vivência como professora da escola do distrito, assim como o envolvimento com os alunos e suas famílias permitiram-me um mergulho na vida daquela comunidade. No entanto, observo que, no início desta pesquisa, ainda era muito evidente minha presença no grupo como a professora. É interessante notar que, durante a realização das atividades aqui propostas, os alunos sempre buscavam minha opinião, e sempre queriam saber se estava certo ou errado.

No momento em que me proponho a mudar de posição, a não mais ensinar conceitos sobre plantas ou sobre outro conteúdo qualquer eu mudo a minha posição e o meu olhar: não mais de professora, mas de pesquisadora e passo a questionar e a investigar se as questões ambientais estão atreladas à cultura popular, especialmente no que se refere ao conhecimento popular sobre plantas. Além disso, como se estabelecem as relações entre os humanos e o mundo natural, entre os jovens (alunos) e os mais velhos (conhecedores de plantas).

Dessa forma, a pesquisa se constitui na apreensão/discussão acerca do conhecimento da cultura e das tradições locais. Nesse panorama, sua problemática se organiza inicialmente em torno de alguns questionamentos, tais como:

- Como os moradores desse distrito rural percebem sua própria cultura?
- Será que os indivíduos mais velhos acreditam que a cultura e as tradições locais se perdem pelo desinteresse dos mais novos?
- Por outro lado, será que os indivíduos mais novos se consideram desinteressados em relação às tradições de sua comunidade?

Assim, a dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz o percurso metodológico identificando algumas referências teóricas quanto ao desenvolvimento da pesquisa. No segundo capítulo apresentamos o conceito de cultura embasando a discussão em torno de autores dos Estudos Culturais. O terceiro e o quarto capítulos apresentam os resultados da pesquisa: primeiramente, as produções fotográficas dos alunos são analisadas e depois a produção do documentário; as escolhas para a filmagem, os depoimentos dos moradores, os registros videográficos e as anotações de campo são destacadas. Após as considerações finais, as referências e os anexos complementam a escrita deste trabalho.



CAPÍTULO I

PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançarmos os objetivos pretendidos, situamos a metodologia desta pesquisa nos domínios da abordagem qualitativa, numa perspectiva de carácter etnográfico. Lüdke e André (1986) afirmam que esse tipo de pesquisa em educação deve ser capaz de envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo.

É evidente que a escolha de uma determinada forma de pesquisa depende antes de tudo da natureza do problema que se quer investigar e das questões específicas que estão sendo formuladas. No entanto, é útil ponderar as qualidades e os limites de uma metodologia para que se saiba mais claramente o que está sendo ganho e o que está sendo sacrificado. (ANDRÉ, 1995).

Segundo Ghedin e Franco (2008) a identidade epistemológica do trabalho etnográfico constitui uma forma sistemática de registro do modo de vida de outro sujeito, conforme a visão de mundo e o modo de pensar de sua cultura. A pesquisa etnográfica exige que o pesquisador veja o mundo do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, ou seja, o pesquisador precisa deixar de lado os preconceitos e pôr-se no lugar daqueles que está procurando conhecer.

O processo da abordagem etnográfica move-se entre uma compreensão do que é o outro em seu próprio espaço e a possibilidade de interferir ou de agir em seu universo experiencial e conceitual. Portanto, a pesquisa, mais do que descrever o mundo do outro, precisa explicá-lo para poder compreender os significados contidos em cada gesto e ação realizados por um sujeito particular ou por ações coletivas. (GHEDIN e FRANCO, 2008, p. 179).

Destacamos que para muitos estudiosos uma das questões principais da pesquisa de tipo etnográfico é o envolvimento que o pesquisador tem com a comunidade de interesse. Segundo André (1995) o pesquisador aproxima-se das pessoas e de todo o contexto da pesquisa, mantendo um contato direto e prolongado, mas sem a pretensão de mudar o ambiente. Nesse sentido, o pesquisador deve tentar apreender e retratar a visão pessoal dos sujeitos, ou seja, deve tentar compreender a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo à sua volta.

O entrosamento com a comunidade ocorreu no período em que fui professora de Ciências na escola municipal de Tapuirama, quando conheci algumas famílias que fazem parte da história do distrito e participei da vida dos alunos fora do ambiente escolar. Foi uma época importante para minha formação profissional, mas, sobretudo para minha vivência pessoal. Desde o primeiro contato com a escola fui bem recebida. No relacionamento com as famílias dos alunos, nas conversas com os colegas professores sentia-me motivada a descobrir mais sobre os costumes e tradições da comunidade e a conviver mais com eles. Aos poucos recebia convites para participar de uma festa, para passar o domingo na casa de uma família. Assim fui conhecendo algumas pessoas que se tornaram os sujeitos desta pesquisa.

Quando ingressei na escola de Tapuirama comecei a frequentar os cursos de formação continuada da Secretaria Municipal de Ensino, onde reencontrei alguns professores da graduação e fui convidada para participar do grupo de estudo e pesquisa em Educação Ambiental (INBIO-UFU). O grupo já desenvolvia pesquisas nos distritos

rurais de Uberlândia há algum tempo, quando direcionou o trabalho para o uso da mídia aliado a atividades de educação e educação ambiental⁵. No convívio com a comunidade e na participação no grupo de estudos, a proposta desta pesquisa começa a ser traçada. Nesse sentido, a relação que estabelecemos (eu e depois os outros pesquisadores) com a escola e com a família de alguns alunos foi imprescindível para mergulharmos nas questões culturais relacionadas ao conhecimento popular sobre plantas passado de geração a geração por meio da transmissão oral.

Segundo Bosi (2003) nas pesquisas sobre as memórias vividas pela comunidade, recomenda-se que a “colheita de dados” deve ser realizada pela mesma pessoa ou pelo mesmo grupo de pesquisadores que fará a interpretação dos dados. Durante a análise, os dados não poderão ser compreendidos separadamente. Pelo contrário, devem ser rememorados como caminhos percorridos para a constituição da pesquisa, no sentido de que “uma história de vida não é feita para ser guardada numa gaveta, mas existe segundo a autora para transformar a localidade onde floresceu”. (*idem*, p. 160).

Esta pesquisa foi realizada em grupo, no entanto, o que está relatado neste texto resulta de meu encontro e reencontro pessoal com a comunidade, não na busca de um problema de pesquisa e tão somente na tentativa de buscar solucioná-lo, mas, sobretudo na intenção de compreender a relação dessa comunidade com seus costumes, tradições e expectativas. Utilizo as palavras de Salgado (2011) para afirmar que a educação ambiental discutida neste estudo assumirá uma “concepção pós-moderna de dissolução das essências para emergir a diferença”. (p. 41). Assim como propõe a autora, as discussões propostas não devem enfatizar tão somente, a sustentabilidade, a biodiversidade e nem mesmo anunciar os comportamentos e ações que devem ou não ser efetuadas.

Penso que jamais uma dissertação, ou um projeto de extensão, ou um sujeito, ou um grupo teria a força de configurar, de repente, em uma comunidade qualquer, outros enunciados sobre o ambiente que vive. A força e a política da EA que agora me sinto capaz de promover residem em colocar enunciados em questão, escutar com atenção e ética o que sujeitos têm a dizer, parar para pensar, propor uma experiência (também para si), contaminar pela intensidade da

⁵ Segundo os projetos de pesquisas submetidos ao CNPQ, respectivamente em 2009 e 2010: “A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças” e “O potencial de uma proposta de educação ambiental articulando a cultura popular sobre plantas e a cultura midiática”. Ambos sob a coordenação da Profa. Dra. Lucia de Fátima Estevinho Guido.

presença, e isso já é bastante e é o que acredito ser possível com uma Educação Ambiental que se mostra mais como um processo e menos como forma de solucionar um problema a partir da imposição de valores e condutas. (SALGADO, 2011, p. 152).

A intenção não é assumir uma postura autoritária para dizer a essa população o que ela deve ou não conservar e preservar seus costumes, controlando, por exemplo, o acesso dessas pessoas à tecnologia. Também não é reconhecê-la como sendo uma população tradicional apenas porque reside no meio rural e faz uso de práticas antigas. Entretanto, nossa pretensão é utilizarmos-nos da complexidade das questões ambientais para assim como Salgado (2011) apontarmos a necessidade de uma educação ambiental capaz de promover a reflexão, a dúvida e a ampliação dos discursos que consideram algumas realidades possíveis em virtude de outras já legitimadas.

Por conseguinte, situar essa pesquisa de tipo etnográfico no âmbito dos Estudos Culturais nos permite compreender que a ênfase está no processo e naquilo que está ocorrendo e não somente nos resultados finais. Isso justifica a importância das notas de campo para a análise de dados da pesquisa. A pesquisadora Mônica Meyer (2008, p. 44) afirma que “as notas de campo são registros pessoais, carregadas de significados”. A elaboração das notas de campo relata o ponto de vista do pesquisador sobre o objeto a ser pesquisado, conferindo singularidade aos dados. Mas a autora alerta que nem sempre as notas de campo são utilizadas como se deveria.

As notas de campo não precisam ser escritas no campo. No entanto, Meyer (2008, p. 45) segundo Clifford (1991) apresenta três momentos presentes na escrita desses registros da pesquisa: a inscrição, a transcrição e a descrição. A inscrição ocorre quando o pesquisador faz as anotações imediatamente após o fato ocorrido, permitindo fixar a observação e ativando a memória em um tempo futuro. Na transcrição, o pesquisador faz anotações dos aspectos significativos. A descrição é realizada no momento em que se observa a realidade cultural dos dados coletados. A escrita das notas de campo (caderno de campo, ou anotações de campo) não são apenas apontamentos de algo que ocorreu. A percepção sobre a comunidade modifica-se à medida que o pesquisador convive com as pessoas. Consequentemente, os registros também mudam.

Nesse cenário, as notas de campo são registradas não somente por palavras, mas também por fotografias, imagens e sons, tornando-se fonte principal de análise e interpretação dos dados. Meyer (2008, p. 53) esclarece que as notas de campo se

diferenciam de acordo com a profissão do pesquisador e com o objetivo do trabalho. Na pesquisa que apresentamos, todas as produções sejam dos sujeitos, sejam da pesquisadora foram registradas como notas de campo, e são elas: os registros fotográficos, o documentário produzido, as anotações de campo e as videograções. “As notas servem como memória de uma cultura num período histórico, e essa função mnemônica das notas revela sua forma ambígua, aqui e lá, fora e dentro do campo.” (Meyer, 2008 p. 53).

No momento de análise, essas produções foram apreciadas como narrativas uma vez que o diálogo estava presente na maioria dos registros. No diálogo temos o encontro das palavras de diferentes interlocutores, suas lembranças são afloradas e negociações são realizadas na história que vai sendo contada. Na análise do registro fotográfico foi a pesquisadora quem estabeleceu o diálogo entre os momentos do registro, os diferentes enquadramentos e elementos escolhidos para compor as imagens. Segundo Mendes e Vaz (2009) “a narrativa é uma história bem-contada. E, desse modo devemos levar em conta que seu significado é negociado, ou seja, cada interlocutor tem a liberdade de entender a história como lhe aprouver.” Os autores citam Bruner (2001, p. 20) ao afirmar que “o que as pessoas fazem nas narrativas nunca é por acaso, nem estritamente determinado por causa e efeito; o que elas fazem é motivado por crenças, desejos, teorias, valores e outros. As narrativas implicam estados intencionais”.

Segundo Gibbs (2009, p. 80) as narrativas refletem o modo como as pessoas organizam sua compreensão do mundo. Suas histórias dão sentido às experiências vividas. Sendo assim, a análise cuidadosa das narrativas revelará a compreensão dos eventos fundamentais de suas vidas e dos contextos culturais em que vivem. Usar as narrativas para construir os dados de uma pesquisa em educação ambiental que visa o registro da cultura de uma determinada comunidade pode ser interessante uma vez que as narrativas personalizam a generalização, ou seja, ao analisar narrativas e histórias, podemos examinar os dispositivos retóricos que as pessoas usam e a forma como elas representam e contextualizam suas expectativas e seu conhecimento pessoal. Nesse sentido, analisamos o documentário, suas narrativas, os registros videográficos, as fotografias e anotações de campo em um processo de olhar várias vezes, de decupagem das narrativas, de comparar, pensar e repensar, para identificar o modo como essa comunidade se relaciona com o meio ambiente e de que maneira a cultura perpassa essa relação.

No distrito de Tapuira – referência deste estudo – os sujeitos da pesquisa foram escolhidos com o objetivo de unir os conhecedores de plantas e os alunos da escola municipal. Os sujeitos identificados como conhecedores de plantas são moradores antigos da comunidade e em sua maioria encontram-se na faixa etária dos 60 anos. Eles foram apontados pela população local como pessoas que conhecem e fazem uso das plantas, particularmente por seu potencial terapêutico⁶. Quanto aos alunos, convidamos os estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, pois eles já estavam entrosados com a temática. Podemos conceber o grupo dos sujeitos desta pesquisa totalizando 3 conhecedores de plantas e 15 alunos da escola do distrito.

Esse grupo era formado em parte por alunos que já haviam participado de uma oficina de identificação de plantas medicinais, organizada pelo grupo de estudo e pesquisa em Educação Ambiental-INBIO/UFU, em parceria com a Associação dos Moradores do distrito e a Escola Municipal. A outra parte era constituída por alunos que participaram da Mostra Ciência Viva 2009 tendo apresentado, sob minha coordenação, o trabalho “*Inovação e popularização no cultivo de plantas medicinais e aromáticas*”.

É necessário esclarecer que a escolha dessa comunidade, ocorreu não apenas pelo meu envolvimento e vivência no cotidiano dessas pessoas, antes como professora de Ciências na escola local e agora como pesquisadora, mas também pelo desenvolvimento de pesquisas sobre o levantamento etnobotânico das espécies locais. (OLIVEIRA, 2008). O presente trabalho foi desenvolvido com a participação de um grupo de bacharelados em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Uberlândia.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, aqueles que aceitaram participar foram devidamente instruídos quanto ao direcionamento deste estudo conforme está relatado no projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFU, sob o registro CEP/UFU 395/10. A participação dos alunos teve a prévia autorização por escrito de seus responsáveis. A participação dos conhecedores de plantas também foi precedida pela assinatura de um termo de livre consentimento, com explicações sobre a pesquisa.

Finalmente, ao pensar na metodologia para compreender a relação dessas pessoas com o local onde vivem e a maneira como interagem com os recursos naturais e culturais, trilhei momentos de aproximação com os sujeitos da pesquisa, que aconteceu

⁶ Esse dado advém da pesquisa intitulada “Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia, MG”.

durante as seguintes atividades: saída fotográfica, seguida da exposição e discussão das imagens registradas; oficina de produção coletiva do documentário; encontro com os alunos e exibição do documentário. Segue a descrição das atividades:

1 Saída fotográfica (exposição e discussão das imagens registradas)

A saída fotográfica, baseada na pesquisa de Favero (2009), marcou o início da construção dos dados deste trabalho. A intenção, além da coleta de dados, foi criar e fortalecer vínculos com a comunidade, especialmente com os alunos da escola. No primeiro encontro com os alunos que aceitaram o convite para participar da pesquisa fizemos uma breve exposição de como seria o projeto, as etapas e atividades, seguidas da apresentação do grupo de pesquisa e das monitoras, estudantes do curso de Ciências Biológicas, que nos auxiliaram na captura dos dados imagéticos e sonoros.

Antes do registro fotográfico, mostramos aos alunos o detalhe de uma imagem conhecida mundialmente. Os alunos foram solicitados a dizerem o que poderia ser aquela imagem projetada no quadro. Durante a discussão revelamos que era apenas o detalhe da coroa do Cristo Redentor, um dos monumentos símbolo de nosso país. A intenção, nesse momento, foi apresentar como os detalhes são importantes na representação de uma imagem ou conceito.

Atentos aos detalhes e livres para fazerem as imagens de seu interesse, os alunos foram divididos em pequenos grupos. Acompanhados de um membro do grupo de pesquisa e com uma câmera fotográfica nas mãos, os alunos saíram pelas ruas do distrito registrando, em imagens fotográficas, o que eles compreendem por meio ambiente.

No segundo encontro, os alunos escolheram uma de suas imagens e outra dentre as imagens registradas por seus colegas. Para cada fotografia, eles criaram legendas traduzindo em palavras o que foi fotografado, em seguida, iniciou-se a apresentação e discussão das imagens e legendas. Além das imagens e legendas produzidas pelos alunos, os dados dessa etapa foram analisados a partir da filmagem e das anotações no caderno de campo da pesquisadora.

2 Oficina de produção coletiva do documentário

O documentário foi construído coletivamente com o grupo de alunos, alguns professores da escola municipal de Tapuira e os conhecedores de plantas. Foram os próprios participantes que escolheram quem deveria ser entrevistado, e quais locais deveriam ser filmados. Apenas o processo de editoração das imagens ficou sob a responsabilidade do grupo de pesquisa e de um profissional da área de cinema. Essa etapa foi realizada na Universidade Federal de Uberlândia com a participação dos sujeitos da pesquisa que conheceram as técnicas de captura de imagem e som, elaboração do roteiro, enquadramentos e os equipamentos para a produção do documentário.

Esquematizado o roteiro e selecionados os locais e depoentes do documentário partimos para o distrito de Tapuira e depois para Cruzeiro dos Peixotos. Fizemos algumas filmagens das duas localidades e em seguida fomos recebidos nas casas dos moradores que seriam entrevistados. Fundamentando-nos em Silveira (2007, p. 119), quando a autora afirma que as “entrevistas não seguem todas as mesmas restrições como gênero discursivo”; explicamos que não iríamos apenas fazer uma entrevista com eles, mas que gostaríamos de ouvir suas histórias de vida e suas experiências sobre sua relação com o distrito, com os recursos naturais culturais e com o conhecimento popular sobre plantas.

As atividades elencadas culminaram na construção coletiva do documentário “Causos do Cerrado”. A análise desse documentário e das narrativas videográficas constituem-se em dados que nos permitem um aprofundamento/imersão no conhecimento cultural dessa comunidade. Além das imagens e sons capturados, essa etapa foi documentada em fotos e registrada no caderno de campo (anotações de campo). Esses registros e o roteiro elaborado coletivamente nos auxiliaram na edição do documentário. A edição final das imagens foi de responsabilidade do profissional da área de cinema, que decidiu por preservar alguns sons externos do ambiente e nos sugeriu que o documentário iniciasse e finalizasse mostrando algumas imagens das localidades ao som da moda de viola tocada por um dos conhecedores. Ressaltamos que a escolha das imagens e depoimentos editados seguiu o que anteriormente foi combinado com todos os envolvidos na pesquisa.

3 Encontro com os alunos e exibição do documentário

Depois de realizadas as filmagens do documentário, reunimos os alunos novamente na escola para conversarmos sobre as atividades realizadas. Esse talvez tenha sido um dos momentos, depois da oficina de audiovisual, de maior participação dos alunos. Eles expressaram suas opiniões quanto à participação no projeto e, sobretudo no envolvimento com os conhecedores de plantas. Alguns se arriscaram até mesmo em dizer que gostariam de fazer outro documentário para tratar de assuntos sobre o cotidiano escolar. Para nós pesquisadores, foi um momento importante, pois percebemos o interesse dos alunos nessa pesquisa.

Após alguns meses, transcorrida a etapa de edição das imagens, o documentário “Causos do Cerrado” estava pronto. Fomos então convidados para exibirmos oficialmente o documentário em um evento de cultura popular, promovido pela Universidade Federal de Uberlândia, o IV ENESCPOP (Encontro Nacional de Estudo sobre a Cultura Popular, 2010). Além dos participantes do encontro, também estavam presentes alguns professores da universidade e alguns dos sujeitos da pesquisa. Nessa ocasião aproveitamos para entregar os certificados de participação e agradecer a todos pelo empenho.



CAPÍTULO II

CULTURA: “O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA”?

Esta pesquisa sempre foi pensada como uma proposta de valorização cultural, ou seja, como resgate e divulgação da cultura de uma comunidade rural de Uberlândia. Mas, com o aprofundamento teórico exigido para que aqui chegássemos, pensamos que propor o resgate cultural de uma determinada localidade é o mesmo que admitir que a cultura desse povo está adormecida ou esquecida e que nós pesquisadores viemos “resgatá-la”. Na verdade não foi isso o que encontramos nas observações que fizemos. A cultura da comunidade em questão, bem como seus costumes e modos de vida, certamente vêm sofrendo transformações consideráveis com o progresso que acompanha o desenvolvimento do país, especialmente dessa região geográfica e econômica. Mas ainda ocorrem diversas manifestações culturais⁷ tradicionais dessa localidade, como as festas religiosas, a Cavallhada, dentre outras.

Portanto, pretendemos, nesse capítulo, delinear o conceito de cultura a partir de alguns teóricos dos Estudos Culturais. E também queremos compreender, com este trabalho, como a ideia de meio ambiente pode estar ligada às questões culturais. Ou por outro lado: existe na educação ambiental uma perspectiva de resgate/preocupação de práticas culturais mais simples, tenuamente afastadas do capitalismo? E ainda: de que maneira a relação homem-natureza está presente no modo de vida das culturas tradicionais?

Na obra *“Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais”*, Stuart Hall (2008) aponta algumas dificuldades perante os termos “popular” e “cultura”. Para ele, a cultura popular representa o terreno sobre o qual as transformações são operadas, tanto no sentido da contenção quanto da resistência, enfatizando que, no campo da pesquisa sobre a cultura popular, é necessário considerar, nas palavras do autor, que: “no estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui: com duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior” (p. 233).

Assim, Stuart Hall (2008, p. 237) questiona: é “possível contornar a questão sem deixar de atentar para o espaço manipulador de grande parte da cultura comercial popular?” Para esse autor “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de forças das relações de poder e de dominação

⁷ Conforme reportagens disponíveis em:
<http://www.uipi.com.br/jornal-da-vitoriosa/120-geral/5597-serie-qdistritos-de-uberlandiaq--tapuirama>
<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cultura/tapuirama-recebe-projeto-palco-movel/>
<http://www.uberlandia.mg.gov.br/noticia.php?id=2177>. Acesso em: 10 de junho de 2011.

culturais” (p. 238). O autor complementa que a cultura dominante trava constantemente uma luta desigual para tentar desorganizar e organizar a cultura popular, conferindo-lhe suas definições e formas. Dessa forma, o estudo da cultura popular desloca-se “entre esses dois polos inaceitáveis: da ‘autonomia’ pura ou do total encapsulamento” (p. 238).

No entanto, neste estudo procuramos fugir dessa dicotomia trazendo para a discussão sobre cultura popular a ideia de hibridação cultural apoiada na temática sobre os Estudos Culturais. Hall (2008) apresenta outra definição, mais fácil de ser discutida e aceita: “a cultura popular é todas essas coisas que o ‘povo’ fez ou faz” (p. 239). “A cultura, os valores, os costumes e mentalidade do povo [...] seu modo característico de vida.” (p. 239-240). Essa definição se aproxima da definição da antropologia – que nos interessa nessa pesquisa de tipo etnográfico. No entanto, para o autor essa é uma definição muito descritiva, ou seja, “quase tudo que o povo já fez pode ser incluído na lista.” (p. 240). Hall nos faz pensar nesta segunda definição como distinguir nessa infinita lista aquilo que é e aquilo que não é, “pertence/ não pertence ao povo”. No contexto desta pesquisa, o que pertence à cultura dominante é o saber científico; e o que pertence à cultura da “periferia”, neste caso, pode ser representado pelo conhecimento popular sobre plantas.

A escola e o sistema educacional são exemplos de instituições que distinguem a parte valorizada da cultura, a herança cultural, a história a ser transmitida, da parte “sem valor”. O aparato acadêmico e literário é outro que distingue certos tipos valorizados de conhecimento de outros. (*idem*, p. 240-241)

O aprofundamento na obra de Stuart Hall (2008) foi extremamente valioso para compreendermos que “o povo nem sempre está lá, onde sempre esteve com sua cultura intocada” (*ibidem*, p. 244). Isso justifica a afirmação do autor de que não existem culturas inteiramente isoladas e fixadas num determinismo. Encontramos aqui um ponto importante, uma vez que nos discursos produzidos pelos moradores dessa localidade rural, percebemos a influência notória de outras regiões. Nesse sentido, as influências recebidas das culturas de outras regiões são propagadas pela mídia, como descrevem alguns autores:

A urbanização predominante nas sociedades contemporâneas se entrelaça com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação imaterial (dos meios massivos à telemática) que modificam os vínculos entre o privado e público.

Como explicar que muitas mudanças de pensamento e gostos da vida urbana coincidam com os do meio rural, se não por que as interações comerciais deste com as cidades e a recepção da mídia eletrônica nas casas rurais os conecta diretamente com as inovações modernas? (CANCLINI, 2008, p. 285-286).

Nesta pesquisa, percebemos o popular e o rural como construções culturais. Contudo, mesmo reconhecendo que a mídia promove a divulgação de várias práticas e costumes sociais, corroboramos o alerta de Hall (2008, p. 244) em relação a uma perspectiva “autossuficiente da cultura popular que, valorizando a ‘tradição’ pela tradição, e tratando-a de uma maneira não histórica, analisa as formas culturais populares como se elas contivessem desde o momento de sua origem, um significado ou valor fixo e inalterável”. A questão aqui, não é valorizar a cultura popular da comunidade afirmando que outros costumes irão descaracterizá-la e, por isso, devam ser eliminados.

Sobre a cultura popular Michel de Certeau (2003, p. 87) afirma que “não é possível prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos os modelos operatórios de uma cultura popular”. Ou seja, as práticas sociais de uma comunidade estão em constante renovação, tanto pelas influências externas recebidas, quanto pela própria transformação do modo característico de vida das pessoas. Portanto, segundo ao autor a cultura “popular” não pode ser considerada um corpo estranho pela simples reprodução de uma determinada situação imposta aos vivos.

Canclini (2008) retrata, por sua vez, o papel de alguns agentes na criação de uma imagem distorcida do que vem a ser a cultura popular. Para ele, o popular costuma ser associado ao “pré-moderno e ao subsidiário”. Nesse sentido, o patrimônio cultural marca as diferenças entre grupos sociais e a hegemonia dos que se destacam na produção e distribuição dos bens, uma vez que esses setores dominantes “não apenas definem o que é superior e merece ser conservado, mas também detêm os meios econômicos e intelectuais necessários ao refinamento dos bens culturais.” (p. 195).

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (*idem* p. 205).

Nesse sentido, os costumes próprios de um determinado grupo social que esteja à margem dos grandes centros urbanos, por questões geográficas ou não, podem ser estereotipados como tradicionais conferidos de um caráter popular que tende a ser sobrepujado pela cultura moderna e pelo desenvolvimento tecnológico.

Ao decidir que a especificidade da cultura popular reside em sua fidelidade ao passado rural, tornam-se cegos às mudanças que a redefiniam nas sociedades industriais e urbanas. Ao atribuir-lhe uma autonomia imaginada, suprimem a possibilidade de explicar o popular pelas interações que tem com a nova cultura hegemônica. O povo é “resgatado”, mas não conhecido. (CANCLINI, 2008, p. 210, grifo nosso).

Esta pesquisa, portanto, se relaciona com as palavras do autor quando ele escreve que a tendência da modernização não é simplesmente provocar o desaparecimento das culturas tradicionais. Mas que, “o problema não se reduz a conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade.” (*idem* p. 216).

Ainda no campo das definições, tradição é apontada por Hall (2008) como elemento vital da cultura. Para ele, tradição não é uma simples persistência das velhas formas e nem ao menos se apresenta fixa para sempre. Portanto, ao relacionarmos cultura e tradição, é possível pensarmos o processo histórico pelo qual a cultura se modifica e passa a não ser apenas mais um privilégio de algumas classes sociais. O autor apresenta uma definição “atual” sobre o estado de indeterminação do conceito de cultura. Primeiramente, afirma que cultura é a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem suas experiências comuns, não tendo mais um sentido antigo da perfeição. Já, sob o aspecto antropológico, cultura refere-se às práticas sociais, ou seja, a cultura pode ser compreendida mediante o estudo das relações entre elementos em um modo de vida abrangente.

A cultura não é uma prática, nem apenas a soma descritiva dos costumes e culturas populares das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologias. [...] A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas em todas as práticas sociais. [...] A análise da cultura é, portanto, “a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses elementos.” (*idem* p. 128).

É interessante observar a relação que se estabelece entre a cultura popular e as características de uma sociedade, como produto de uma constante renovação e adaptação. Raymond Willians (1992), por sua vez, faz referência a certa convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como “modo de vida global” distinto, dentro do qual se identifica um “sistema de significações” (p. 13) essencialmente bem definido e envolvido em todas as formas de atividade social. O autor apresenta um sentido mais especializado e também mais comum para esse termo ao relacioná-lo a “atividades artísticas e intelectuais” (Willians, 1992), incluindo as formas de produção intelectual tradicionais e as práticas significativas, como a linguagem, as artes, a filosofia, o jornalismo e a moda.

Começando como nome de um processo-cultura (cultivo) de vegetais [...] e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana ele se torna, em fins do século XVIII, [...] um nome para *configuração* ou *generalização do “espírito”* que informava o “modo de vida global” de determinado povo. [...] desenvolvimento do sentido de “cultura” como cultivo ativo da mente. (*idem*, 1992, p. 10-11).

Nessa perspectiva, ao se estudar a cultura é necessário incluir a interação dialética entre o que é cultura e o que não é cultura. Se a cultura representa as definições e o modo de vida de um determinado povo e, portanto sua consciência, condições e experiências, é possível apresentarmos um dos questionamentos desse estudo: “Como os moradores desse distrito rural percebem sua própria cultura?” Ou seja, onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a elas respondem?

No entanto, não podemos afirmar que a cultura está ou foi esquecida por uma comunidade, tampouco que uma comunidade renegue sua cultura tradicional em vista do que a tecnologia ou outras opções da modernidade lhes oferecem. No caso desta pesquisa consideraremos a riqueza dos processos de hibridação cultural e sua vinculação ao conhecimento popular, as cultura(s) popular(es) e como esta(s), ao se tornar(em) memórias coletivas, cria(m) as tradições culturais.

De acordo com Canclini (2008, p. 215) “o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais”, visto que “nas últimas décadas as culturas tradicionais se desenvolveram transformando-se.” Segundo o autor, esse crescimento está associado, dentre outros fatores, à inclusão dos bens simbólicos tradicionais para alcançar as camadas populares menos integradas à modernidade e, ainda, à continuidade na produção cultural dos setores populares.

Hall (2008) nos apresenta o fato de que culturalmente as coisas parecem mais ou menos semelhantes entre si, como um paradoxo entre a globalização contemporânea e a proliferação das diferenças. O que pode ser entendido como um “tipo de americanização da cultura global.” (p. 57). No entanto, no contexto global, a luta pelos interesses “locais” e “globais” não está totalmente definida. As estratégias da *difference*, mencionadas pelo autor fazendo referência a Derrida (1981, 1982), não são capazes de conservar intactas as formas antigas e tradicionais de vida. Ao contrário, podem impedir que qualquer sistema se estabilize em sua totalidade.

O local não possui um caráter estável ou trans-histórico. Ele resiste ao fluxo homogeneizante do universo com temporalidades distintas e conjunturais. Não possui inscrição política fixa. [...] Seu impulso político não é determinado por um conteúdo essencial (geralmente caricaturado como “resistência da Tradição à modernidade”), mas por uma articulação com outras forças. Ele emerge em muitos locais, entre os quais o mais significativo é a migração planejada ou não, forçosa ou denominada “livre”, que trouxe as margens para o centro, o “particular” multicultural disseminado para o centro da metrópole [...]. (HALL, 2008, p. 59).

Nessa relação entre o global e o local, ou ainda, entre tradição e modernidade, em que o que estava à margem vem para o centro, evidenciamos um direcionamento para a análise dos dados desta pesquisa, uma vez que, nessa comunidade é comum encontrar famílias ou indivíduos que chegam à localidade em busca de oportunidade de trabalho. No convívio com a comunidade, identificamos várias pessoas que vieram de outros estados ou cidades para trabalhar nas fazendas da região. Não é raro nos depararmos com pessoas, especialmente homens, que se mudam temporariamente para o distrito deixando a família na cidade de origem. Também há casos de famílias inteiras que passam a viver nesse distrito e ali se estabelecem frequentando as atividades tradicionais da comunidade, mesmo que seus costumes e histórias de vida nem sempre sejam valorizados.

Sobre a definição do termo comunidade, Hall (2008) afirma que “reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos.” O autor cita como exemplo as comunidades de minorias étnicas:

Idealização de relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. [...] As chamadas “minorias étnicas” de

fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir. (HALL, 2008, p. 62).

Nesse sentido, quais são as características sociais e históricas da comunidade em questão? Como os moradores dessa localidade têm preservado seus costumes e suas tradições diante dos novos hábitos trazidos pelos moradores provenientes de outras regiões do país? E, sobretudo, qual o interesse dessa comunidade frente aos valores e costumes transmitidos na mídia?

No convívio com a comunidade desse distrito identificamos na fala de algumas pessoas, especialmente dos indivíduos mais novos, o “encantamento” com a cidade e as condições de vida que ela oferece. Mas também encontramos pessoas que querem ali permanecer por reconhecerem que, na cidade, estarão expostas a diversos fatores, especialmente à violência.

Para os que querem mudar é a oportunidade de não só viver uma nova vida, mas também abandonar os costumes considerados ultrapassados. No entanto, esses indivíduos, nascidos e criados na localidade, ao mesmo tempo em que querem viver em outro local, defendem sua suposta hegemonia frente às condições e experiências de vida daqueles que vieram de outros estados para trabalhar na região. Assim, questionamos sobre o entendimento dessa comunidade formada por pessoas vindas de diferentes regiões do país. Pessoas com expectativas de vida tão diferenciadas, não só perante o aspecto econômico, mas também por seus costumes e valores. Como perceber que o mesmo sujeito que quer mudar para o distrito urbano em busca de um novo estilo de vida também quer preservar os costumes de sua comunidade?

Hall (2008), utilizando-se das palavras de Modood e Berthoud (1997), compreende que os jovens de todas as comunidades expressam certa fidelidade às tradições de origem, ao mesmo tempo em que demonstram um declínio visível em sua prática concreta. Os autores acreditam que esses jovens chegam a declarar não uma identidade primordial, mas uma escolha de posição de grupos ao qual desejam ser associados. Ou seja, essas escolhas identitárias são mais associativas e menos designadas. Segundo Hall (2008, p.64) é preciso garantir a manutenção de identidades racializadas, étnico-culturais e religiosas para se compreender as comunidades. Nesse sentido, as formas de vida derivadas de suas culturas de origem e denominadas “tradicionais” continuam influenciando as autodefinições comunitárias. Sobre as

famílias o autor indica que elas devem renegociar seus padrões de relacionamento, de acordo com seus valores tradicionais e com aqueles característicos do local onde se vive.

Sobre os embates da diferença cultural, Homi Bhabha (1998, p. 17) caracteriza-o como uma possibilidade de “confundir nossas definições de tradição e modernidade ou realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado”. O autor complementa: “Essa passagem intersticial entre identidades fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”. Quando reconhecemos a situação fronteira na qual o trabalho sobre a cultura exige-se um encontro com o novo, como ato insurgente de tradição cultural, que não apenas retoma o passado, mas o reconfigura “num ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado- presente’ torna-se parte da necessidade e não da nostalgia de viver”. (p.27)

Dessa forma, para ampliarmos o conhecimento sobre o sentido da cultura adentramos no que alguns autores chamam de hibridismo ou hibridação cultural. Stuart Hall (2008) afirma que hibridismo é um termo utilizado para caracterizar culturas cada vez mais mistas e diaspóricas. O autor não se refere a indivíduos híbridos, ou seja, os tradicionais e os modernos, uma vez que “se os indivíduos migrantes voltarem a suas cidadezinhas de origem, o mais tradicional deles seria considerado irremediavelmente diasporizado.” (p.78).

As comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição. Na modernidade tardia, tendemos a extrair os traços fragmentários e os repertórios despedaçados de várias linguagens culturais, e étnicos. Não se trata de uma negação da cultura insistir que “o mundo social [não] se divide distintamente em culturas particulares, uma para cada comunidade, [nem] que o que todos necessitam é de apenas uma dessas entidades – uma única cultura coerente – para moldar e dar significado à vida.” (WALDRON, 1992 *apud* HALL, 2008, p. 79-80).

Em uma sociedade intercultural, deve haver um referencial no qual os conflitos possam ser negociados, uma vez que esse contexto sugere que o momento da diferença é essencial à definição de democracia como um espaço genuinamente heterogêneo. Nesse espaço pluralista, a hibridização não significa um declínio pela perda de identidade. Mas ao contrário, Hall (2008, p. 81) refere-se a Foucault (1986) ao afirmar

que as identidades são construídas no interior das relações de poder, excluindo algumas características e valores, sendo, portanto, um efeito de poder.

Ao discutir as identidades repensadas a partir da hibridação, Canclini (2008) inicia questionando se *híbrido* é uma boa ou má palavra. Para ele, não basta que seja muito usada para que a consideremos respeitável. Por hibridação, o autor entende “os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2008, p. XIX). Em seguida, ele escreve que, durante o século XX, houve uma multiplicação espetacular de hibridações.

Para tanto, Canclini (2008) apresenta as estratégias da sociedade na caracterização do que é tradicional ou moderno, para então reforçar a ideia de que, na América Latina, há uma longa história de construção de uma *cultura híbrida*, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade. De acordo com o autor, para entendermos o caráter ambíguo da modernidade é preciso analisar as contradições presentes em grupos sociais diferentes como os fundamentalistas culturais e religiosos que não negociam suas tradições e os grupos econômicos/renovadores.

Entretanto, “a redistribuição maciça dos bens simbólicos tradicionais pelos canais eletrônicos de comunicação gera interações mais fluidas entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno” (*idem*, p. 196-197). Avançando nesse debate, o autor contesta à apropriação da cultura popular pela indústria cultural e pelas classes políticas, visto que os meios de comunicação constroem uma noção de popular, aceita pelos estudos nessa área, que seguem a lógica do mercado. “*Popular* é o que se vende maciçamente, o que agrada as multidões. A rigor, não se interessa ao mercado e à mídia o popular e sim a popularidade” (*ibidem*, p. 260).

Dessa forma, o autor expõe o que ele considera como exemplos de uma construção da hibridez cultural presente nas sociedades latino-americanas. Para Canclini (2008) a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. Zona urbana (cidade) e rural se articulam pela mídia eletrônica. A mobilização social, do mesmo modo que a estrutura da cidade, fragmenta-se em processos cada vez mais difíceis de se totalizar, e a eficácia dos movimentos sociais, por sua vez, cresce quando atuam nas redes massivas.

A vida urbana transgride a ordem “imposta” pelo desenvolvimento moderno na tentativa de distribuir os objetos e os signos em lugares específicos e classificar as “coisas” e as “linguagens” que falam delas,

com uma organização sistemática dos “espaços” sociais em que devem ser consumidos. Como os monumentos, que abertos à dinâmica urbana, facilitam que a memória interaja com a mudança, que os heróis nacionais se revitalizem graças à propaganda ou ao trânsito. Nesse sentido, concordamos que “as culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis”. Pelo contrário, proliferam-se os dispositivos de reprodução que não podem ser definidos como cultos ou populares: fotocopiadoras, videocassetes, vídeo *clips*, videogames. (Canclini, 2008, p. 304).

Na análise dessa transformação das culturas, Canclini (2008, p. 308) evoca que a questão não é voltar às denúncias que culpavam “a modernização da cultura massiva e cotidiana de ser um instrumento dos poderosos para explorar mais”. É preciso entender como o desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, reforçando os movimentos sociais ou contradizendo-os. No entanto, nem sempre a ressignificação das práticas sociais “contradiz as culturas tradicionais e as artes modernas”.

Dessa forma, entendemos o “popular” fora de uma visão comercial, que abrange questões ecológicas e tradicionais. Salgado (2011) encontrou nos estudos realizados com uma determinada comunidade, que eles se representam como populações tradicionais “escondidos” ou mostrando o lado comercial como: a bebida produzida no engenho e valorizada pelos visitantes do local, assim como a produção da farinha. Nesse sentido, Hall (2008) critica a compreensão do termo popular por um aspecto meramente comercial ou de mercado, mas não dispensa essa compreensão, por que o povo não é simplesmente manipulado pelas indústrias culturais capitalistas e ainda por compreender que dominação e subordinação são características essenciais às relações culturais.

Autores como Bosi (2003), no entanto, afirmam que quando nos empenhamos na tarefa de compreendermos a cultura das classes populares percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes. Neste sentido, a autora afirma que existe uma cultura vivida e uma cultura a que os homens aspiram. “Os psicólogos sociais forrados de uma concepção ideológica de cultura falam em necessidades, privação, carência cultural.” (BOSI, 2003 p. 151).

Nessa mesma obra a autora questiona se a cultura seria um “elemento de consumo ou uma oposição e uma superação do natural, um desabrochar da pessoa na vida social?” E continua: “a concepção da cultura como necessidade satisfeita pelo trabalho da instrução leva a atitudes que condenam à morte os objetos e as significações

da cultura do povo porque impedem ao sujeito a expressão de sua própria classe.” (BOSI, 2003, p. 161).

De acordo com Hall (1997, p. 1) a cultura tem a ver com “significados compartilhados”. Nessa perspectiva, Momo (2010, p. 79) considera que os significados culturais são estabelecidos por meio de práticas sociais como a própria representação, ou seja, afirma-se que “nas sociedades ocidentais contemporâneas, a mídia tem sido uma das principais produtoras das representações que compartilhamos”.

As narrativas e imagens produzidas e veiculadas pela mídia possibilitam a formação de uma cultura comum, ajudam a tecer a vida cotidiana, modelam opiniões, formas de pensar, comportamentos e fornecem parâmetros para as pessoas forjarem suas identidades. [...] A cultura da mídia passou a dominar a vida cotidiana; as pessoas passam grande parte do seu tempo vendo televisão, ouvindo rádio, lendo revistas e jornais e participando de outras práticas culturais midiáticas. [...] As relações sociais entre as pessoas passam a acontecer por meio de imagens [...] (MOMO, 2010, p. 78-79).

Ainda sobre a mídia, Raymond Willians (1992) traça um paralelo entre a cultura reproduzida e a cultura popular, baseado nos meios de produção cultural notadamente modificados após a invenção da imprensa. A saber:

O que comumente se diz a respeito da invenção da imprensa é que ela ampliou enormemente uma cultura da maioria. [...] Com a invenção da escrita, existe já uma assimetria fundamental entre o uso desse meio poderoso e a participação comum como membro de uma sociedade [...] logo se chega ao ponto em que há uma diferença qualitativa entre a área oral, de que todos compartilham, mas à qual a maioria está confinada, e a área letrada, que é de importância cultural cada vez maior, mas ao mesmo tempo, é minoritária e dominante. (*idem*, p. 107).

Portanto, uma vez que os significados culturais são estabelecidos por intermédio de práticas sociais e que essas práticas perpassam por artefatos midiáticos, possivelmente, híbridos como as festividades, o esporte, a religião, a música e a linguagem, entendemos o que Peter Burke (2010) propõe sobre as formas híbridas, as quais devem ser percebidas como o resultado de um único encontro, “quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos”. (p. 31).

Dessa forma, o autor afirma que a variedade de objetos híbridos só não é maior do que a quantidade de termos que descrevem o processo de interação cultural e suas

consequências. Ao nos propor a expressão “troca cultural”, ele explica que o termo “troca”, que para alguns pode ser sinônimo de “empréstimo”, não deve ser entendido na perspectiva de qualquer “movimento cultural [que] em uma direção está associado a um movimento igual, mas oposto na outra direção.” (BURKE, 2010, p. 45).

Consideramos que essa pesquisa se desenvolve no âmbito dos Estudos Culturais, na tentativa de identificar traços que denotam a hibridação cultural presentes na relação de uma comunidade rural com as questões ambientais que perpassam a vida e as práticas sociais das pessoas. Para finalizarmos esse capítulo, citamos Burke quando ele afirma que a preocupação com as fronteiras culturais é natural em um período como o nosso marcado por encontros culturais cada vez mais frequentes e intensos. Ao mencionar que a globalização cultural envolve hibridização, o autor nos apresenta alguns autores para nos indicar que não é de causar espanto que tenha surgido um “grupo de teóricos do hibridismo, com identidade cultural mista”, tais como Homi Bhabha, Stuart Hall, Néstor Canclini, dentre outros (BURKE, 2010, p. 14-15).



(Al 04 Tp)

CAPÍTULO III

NATUREZA, AMBIENTE, SOCIEDADE E CULTURA

As fotografias servem de memória coletiva e de material de pesquisa e são também a busca das diferenças perdidas. (LÉVI-STRAUSS, 1994).

A apresentação, análise e discussão das imagens deste capítulo foram baseadas nos trabalhos de Salgado (2011) e Wunder (2008). Dentre os vários teóricos estudados pelas autoras destacamos para esta pesquisa Barthes (1984), pela apreciável relação que o autor estabelece com a linguagem imagética. As fotografias deste capítulo foram produzidas como registro da compreensão de meio ambiente pelos alunos da escola do distrito de Tapuiriama. No entanto, na análise, nossa intenção não se restringiu a uma decodificação do que eles compreenderam por meio ambiente, mas buscamos o que vem a ser naturalizado e até mesmo corriqueiro quando se pensa em representações sobre natureza e ambiente.

Muito mais do que uma atividade de educação ambiental, nessa saída fotográfica, fundamentada na pesquisa de Favero (2009), as imagens tornam-se dispositivos para se investigar a maneira como esses sujeitos da pesquisa percebem o distrito onde vivem. Neste sentido, entender que as fotografias podem ser pensadas como a junção entre o que será fotografado e a intenção de quem fotografa é apresentar “a fotografia como possibilidade inventiva para a EA não tanto por si própria, mas pelos efeitos que ela é capaz de surtir em cada pessoa” na medida em que “nos encontramos com as imagens”. (SALGADO, 2011 p.79).

A ação de produzir ou observar fotografias como uma atividade promovida pela educação ambiental pode propiciar uma experiência estética onde o saber de diferentes sujeitos é compartilhado sem a necessidade de produzir um consenso, pelo contrário, deixando que as diferentes visões apareçam e ganhem voz. (*idem*)

Nessa perspectiva, a educação ambiental aqui apresentada, não visa por meio dos registros fotográficos do distrito discutir tão somente questões ambientais, mas entender o significado das fotografias, extraindo as relações que os estudantes

estabelecem com o meio ambiente, assim como aproximá-los da linguagem visual. Auxilia-nos o entendimento de Krelling (2010, p. 107) sobre as possibilidades de se repensar o mundo quanto à preservação ambiental. A autora averiguou em sua pesquisa, as afinidades na “tessitura das relações entre humanos e o ambiente, entre humanos e não humanos”. Também foi importante a leitura de Wunder (2008, p. 37) quando ela aponta que a “conciliação entre conservação da natureza e garantia da vida digna” perpassa a diversidade sociocultural. Ou seja, a concepção sobre meio ambiente, bem como as questões relativas ao tema devem abarcar a diversidade cultural e histórica da humanidade.

Em outro trabalho, Wunder et al. (2007, p. 68), apresentam-nos a necessidade de “desnaturalizar” alguns conceitos: “aquilo que nos parece natural são de fato, culturais; feitas e dadas por nós mesmos.” Portanto, o meio ambiente não pode ser concebido como sinônimo de natureza; e nem mesmo atribuir ao ser humano um lugar externo ou responsabilizá-lo por toda degradação ambiental.

Retomando a saída fotográfica, lembramos que durante a atividade os alunos foram acompanhados pelos membros do grupo de pesquisa. Cada um poderia percorrer as ruas do distrito no período de 1 hora. Aleatoriamente, cada grupo se encaminhou para uma região do distrito. Talvez por esse motivo, as paisagens fotografadas não se repetiram. Contudo, foi possível notar uma ênfase no enquadramento dos seres (árvores, animais e flores). Em relação às legendas produzidas, cada aluno escolheu uma de suas fotos para ser legendada e outra de um colega, também para legendar. Apresentamos neste capítulo as fotos escolhidas pelos alunos e outras selecionadas por nós.

Iniciamos a análise pelos registros fotográficos da praça que, situada no “centro” da localidade, talvez seja a paisagem que melhor caracteriza o distrito. Não sabemos ao certo se a preferência ocorreu por esse motivo, se pela grande quantidade de espécies vegetais presente no espaço, ou ainda por ser um dos pontos de encontro da população. No local encontramos a Igreja de Nossa Senhora da Abadia e um ponto de parada do transporte coletivo. Já no entorno estão os bares, o comércio variado, a escola estadual, o salão comunitário e algumas residências. É interessante destacarmos que no primeiro plano das fotografias encontramos árvores frondosas, enquanto, os outros elementos da praça ficam sempre em segundo plano. Mesmo considerada como um local de encontro das pessoas, o foco das fotografias indica que há uma intenção de registrar a natureza, uma vez que as pessoas ou outros elementos próprios da vida humana nem sempre são fotografados.



(Al 08 Tp)

Podemos ver nessa foto grandes árvores que através da fotossíntese purificam todo o ar da comunidade. (Al 08 Tp)

Nesta foto podemos ver grandes pinheiros que transformam gás carbônico em gás oxigênio. (Al 02 Tp)



(Al 05 Tp)

Essa árvore é uma representante do meio ambiente, pois ela purifica o ar, com o processo da fotossíntese, que transforma o gás carbônico em oxigênio. (Al 05 Tp)



(Al 02 Tp)

Os alunos apresentam as árvores e as plantas por sua importância para a comunidade e o meio ambiente e mencionam alguns processos químicos que ocorrem na natureza e normalmente são ensinados na escola. Nesse sentido, as legendas das imagens se delimitam na ótica do conhecimento escolar. Barioni e Amorim (2009, p. 191), em pesquisa realizada em um bosque da cidade de Campinas-SP, questionaram as práticas de educação ambiental que valorizam o ambiente natural, enfatizando até que ponto esse é um ambiente natural, de natureza intocada, “vívda como ausência do humano”.

Quando os alunos representam o meio ambiente, utilizando-se de imagens fotográficas associadas aos conceitos escolares, concordamos com os autores mencionados acima que ocorre uma perda evidente da pluralidade cultural. Nesse contexto, os espaços semelhantes a parques e bosques tornam-se um espaço de conhecimento, ciência e aprendizado. “Já não se pode visitá-lo apenas a passeio. Ao sair de lá, é preciso ter aprendido algo” (*idem*, p. 180). Em muitos projetos de educação ambiental, por exemplo, ou em locais considerados naturalizados, os participantes e/ou visitantes são “obrigados a um aprendizado”, a partir de uma proposta “biologizante” que desconsidera qualquer outra informação, mesmo os dados históricos sobre o local (*ibidem*, p. 183). Sendo assim, é perceptível a mediação da escola quanto ao olhar das crianças sobre o mundo.

Se caracterizarmos a natureza circunscrita basicamente em parâmetros escolares, dificilmente reconheceremos no meio ambiente as relações que o homem estabelece com os elementos naturais, segundo a cultura na qual está inserido. Dessa forma, as questões ambientais fixam âncora em debates sobre a sustentabilidade, reciclagem ou catástrofes ambientais, mas podem não abranger discussões sobre o consumismo exagerado ou o crescimento desenfreado do planeta.

O que nos chama a atenção é que os alunos estavam livres para fotografar o que desejassem e depois elaborar as legendas, sobre o que eles compreendem por meio ambiente. No entanto, eles se concentram, de maneira considerável, em uma representação conceitual de meio ambiente. Não queremos apontar que fazer tal registro dentro dos limites do que é ensinado na escola seja errado. No entanto, nos preocupamos com as concepções de meio ambiente associadas apenas à biologia como disciplina escolar, negando o aspecto cultural e histórico do local. Essa preocupação se acentua uma vez que na legenda de várias fotos os alunos expressam um conhecimento biológico.



Essa é uma pequena amostra do ecossistema presente no distrito. Podemos ver que a foto mostra desde plantas pequenas como a grama até árvores grandes como o coqueiro. (Al 08 Tp)



Uma meiga florzinha, que poderia passar despercebida ou sem importância. Mas tem o seu papel especial para o meio ambiente. Aqui vemos uma abelhinha colhendo o néctar, e fazendo a polinização de outras plantas. (Al 06 Tp)

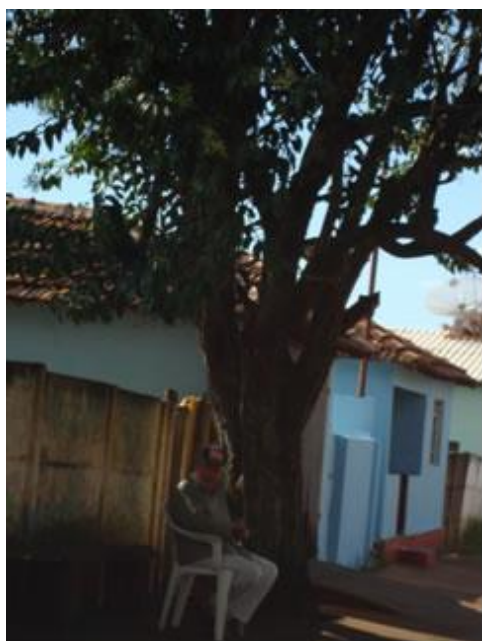


Nosso distrito é rico de fauna e flora veja só um belo exemplo. (Al 03 Tp)

Em sua tese Wunder (2008, p. 38) explica-nos que mesmo sob “forte influência do saber científico”, é necessário buscar alternativas de desenvolvimento compatíveis às necessidades e à cultura da localidade na qual a pesquisa está inserida. Parafraseando a autora, deparamo-nos novamente com as indagações deste trabalho de pesquisa, que são: como a ideia de meio ambiente pode ligar-se às questões culturais? Ou seja, de que maneira os autores dessas fotos percebem a relação homem-natureza? Será que os alunos, ao retratarem a compreensão sobre meio ambiente, o fazem mostrando o distrito, as pessoas e suas tradições?

Em resposta a estes questionamentos, observamos que as imagens registradas estão prenhes de cultura. Fato este identificado ao observarmos que as fotografias e legendas não apenas apresentam um pouco da “natureza” presente no distrito, mas um meio ambiente de flores delicadas e coloridas, de ruas largas e asfaltadas, com pouco movimento de veículos mas com extensas faixas de sombra devido às árvores nas calçadas das casas, de pedaços de terra nua ou ainda de muro de tijolos não rebocados com cimento, de lugares que parecem tão calmos e por vezes distantes do tempo real, dentre outros.

Percebemos em um primeiro olhar que é rara a presença de seres humanos nas fotografias. Isso porque nas poucas imagens que aparecem pessoas, se destaca o registro de um senhor que está sentado na frente de uma casa, nos permitindo pensar, utopicamente, que ele se deixa levar por seus pensamentos ou está à espera de um acontecimento trazido nas palavras de quem passa pela rua... É como se a vida por lá seguisse tranquilamente.



(Al 03 Tp)

Tão tranquilamente, que em outra imagem registra-se uma bicicleta encostada em algum lugar, “aparentemente” sem que seu dono esteja por perto. Não apenas nas fotografias, mas no convívio com a comunidade percebemos que alguns alunos deixam suas



(Al 04 Tp; Al 11 Tp)

bicicletas encostadas no portão da escola, sem nenhuma tranca enquanto assistem às aulas. Poderíamos até associar esse fato à calmaria do local, como característica típica de pequenas regiões afastadas dos centros urbanos; entretanto, autores, como Mauro Guimarães (1995) criticam a relação que vincula o meio urbano a uma condição de natureza degradada e, ao contrário, a zona rural a uma natureza menos alterada.

No exercício de ver e rever as fotografias como dados da pesquisa, percebemos, contudo, que nem sempre são registradas as pessoas, mas que as imagens denotam a presença humana no distrito, ao rasgarem a paisagem silenciosa do distrito. Assim sendo, compreendemos que o ser humano foi, de certa forma, registrado não como pessoa real, mas por suas marcas presentes na propaganda de um comércio, nas placas indicativas de regras de boa convivência ou de localização e ainda nos fios de transmissão de energia elétrica. Aliás, esses não são apenas aspectos da presença humana, mas, sobretudo indicam que a população está posicionada na contemporaneidade, por justamente usufruir de algo tão moderno como a eletricidade e a comunicação telefônica.



(Al 01 Tp)



(Al 04 Tp)



(Al 02 Tp)



(Al 08 Tp)

Ao debruçarmos nosso olhar sobre essas fotos, compreendemos o que Salgado (2011, p.49), nos apresenta em relação à “interpretação dos problemas ambientais” ser diferente para cada pessoa, “processada através de representações e também de seus

conhecimentos que podem vir permeada por outras formas de saberes como o saber étnico e o saber popular”. Os elementos das próximas imagens foram registrados em menor número pelos alunos, reforçando a ideia de que o homem nem sempre é associado à compreensão de meio ambiente e, quando isso acontece, o homem é enquadrado como aquele que pode trazer prejuízos para a natureza. Ou seja, a presença humana em algum momento está associada à degradação dos espaços naturais devido ao acúmulo de lixo e entulho, ou por outros fatores ligados à não preservação dos espaços geográficos, como percebemos nos registros a seguir:



(Al 04 Tp)



(Al 11 Tp)



(Al 11 Tp)



(Al 04 Tp)

Talvez as imagens que trazem aspectos ligados à degradação ambiental, tenham aparecido em menor número, pois os alunos quiseram registrar as belezas do local e uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente. Isso porque a ideia de meio ambiente está intimamente conectada ao que é belo e encanta. No entanto nesse caso, as imagens para esses alunos denunciam e provocam indignação por demonstrar o descaso de algumas pessoas com o espaço público, condição essa registrada no acúmulo de lixo e entulho no passeio.

O meio ambiente é, ainda, compreendido por alguns alunos sob uma perspectiva utilitarista, registrado na sombra de uma árvore ou na importância das plantas para a purificação do ar atmosférico. Santos (2000, p. 39) nos apresenta em seu

texto a respeito da utilidade dos animais, a possibilidade de “outro olhar sobre nossas concepções de natureza, a partir da qual podemos tentar fugir de nossas visões antropocêntricas que ressaltam sua utilidade e seu aproveitamento”.

Segundo Meyer (2008, p. 87) a concepção antropocêntrica da natureza encontra-se na relação entre explorar e conhecer, já que o conhecimento incide sobre a utilidade do ser. “O que não tem serventia permanece desconhecido na maioria das vezes. A lógica dominante é a utilitária, que fornece a exploração do ambiente”. Face às concepções de natureza, a autora nos apresenta várias formas de percebemos ou representarmos a natureza quando separamos o ser humano desse contexto. Nesse cenário, temos: a natureza infernal – compreendida pela existência de seres peçonhentos; selvagem – ausência de civilização; artificial – presente nos livros didáticos e histórias infantis; e a natureza civilizada – caracterizada pela “manipulação da ordem humana por intermédio do cultivo, da domesticação, do extermínio e da organização do tempo.” (*idem*, p. 83).

Gonçalves (1989, p. 23) afirma que toda sociedade, toda cultura cria, inventa e estabelece uma determinada ideia sobre a natureza. No entanto, a relação de diferentes grupos sociais com o mundo natural é diversificada, uma vez que o ambiente está em contínuo processo de transformação. Pesquisadores apontam que o conceito de natureza, é diferente de natural. Ou seja, afirmar que meio ambiente é sinônimo de natureza excluindo o ser humano não é uma das melhores opções ao propormos ou discutirmos práticas de educação ambiental. Corroboramos Meyer (2008, p. 72) quando ela afirma que “não existe uma única natureza, natural, intocada; a natureza continuamente vem se construindo pela inserção do elemento humano como parte do mundo natural e como produtor de cultura”.

De acordo com Salgado (2011) compreender o meio ambiente como sendo a própria natureza não é apenas uma questão de consciência individual. Para a autora, é preciso lembrar que as escolhas e entendimentos pessoais exprimem as práticas sociais compartilhadas em determinados momentos históricos. Ao retirarmos o homem da compreensão do significado de meio ambiente, incidiremos no erro de conferir o predomínio humano sobre os recursos naturais. Mas se, pelo contrário, o ser humano for compreendido como um dos elementos integrantes da natureza, apesar das diferenças entre os seres, não será mais concebida a posição de superioridade à espécie humana.

Nesse parâmetro, Meyer (2008, p. 100) considera a natureza como um sujeito. Ou seja, estabelece-se outra relação sociocultural, fundamenta na igualdade, em que o

ser humano intervém socialmente no ambiente e “principalmente, tece novas formas de apropriação dos ‘recursos naturais’, onde a economia e a ecologia se alinham na procura de outros estilos de consumo e [...] modos de vida”. Formas que não apenas naturalizem um lugar pela abundância de fauna e flora, mas que considerem também os aspectos culturais ali presentes.

Quanto aos caminhos e lugares do distrito, os alunos destacam em suas fotografias um pouco do que encontramos por lá, ruas asphaltadas que se misturam aos caminhos de terra. O que os alunos querem dizer sobre esses caminhos? O caminho representa a entrada e a saída da localidade. Será que ao mostrar os caminhos, os alunos querem de certa forma romper com a sua realidade? Querem ir para outro lugar, como um dos alunos (Al 08 Tp) manifesta durante as gravações do documentário, que serão analisadas no próximo capítulo. Na análise das imagens registradas percebemos que há um predomínio do verde, registrado, por exemplo, nas árvores da frente das casas ou dos quintais.

As imagens ao lado, mostram não apenas os caminhos, mas trazem consigo a marca do tempo em suspenso. Que pode tanto revelar o passado, na bucólica imagem da terra, quanto comunicar o presente, nos traços de urbanização dessa comunidade rural. Ou ainda, que sugere um tempo não cronológico, mas rico em memória.

Nesse contexto das imagens silenciosas, em meio ao “verde” fotografado – árvores em especial, destacam-se os registros dos detalhes, da delicadeza e das cores das flores. Na discussão das imagens, realizada após a saída fotográfica, os alunos revelam que o registro/foco nas flores tinha por objetivo mostrar a beleza do distrito.



(Al 03 Tp; Al 15 Tp)



(Al 04 Tp)



(Al 01 Tp)





(Al 06 Tp)



(Al 14 Tp)



(Al 03 Tp; Al 15 Tp)



(Al 03 Tp; Al 15 Tp)

No momento da discussão das fotografias e suas legendas, os alunos relatam que a participação na saída fotográfica possibilitou outra compreensão do que representa o meio ambiente. Como percebemos no trecho a seguir:

Eu gostei de tirar fotos do distrito. No começo, ninguém sabia [...] aí acabou que todo mundo tirou foto só de planta e animal. Mas depois a gente aprendeu que meio ambiente é tudo. (Fala do sujeito da pesquisa Al 05 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Continuando, a aluna explica que, depois da discussão, ela não faria os mesmos registros fotográficos feitos no primeiro momento. Ela se refere à foto que tirou de uma casa com uma planta que cobria o telhado. A casa tem um aspecto deteriorado pelo tempo, provavelmente, pelo acúmulo de umidade. Em seu registro fotográfico, a aluna focou apenas a planta que estava bem florida, mas, depois da discussão, ela afirma que faria outro registro mais abrangente da paisagem.

[...] se fosse para eu tirar outras fotos sobre o meio ambiente eu iria agora tirar foto não só da planta que estava em cima do telhado daquela casa, mas também da casa. (Fala do sujeito da pesquisa Al 07 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Outra aluna faz o registro fotográfico da parte de trás dessa casa, onde aparece a planta, mas não a parte danificada da casa. As duas primeiras imagens não foram escolhidas pela autora das fotos para serem legendadas, entretanto, é interessante mostrá-las para visualizarmos o espaço onde foram registradas e como a escolha se baseou no detalhe apenas da planta e das flores.



(Al 04 Tp)



(Al 04 Tp)



(Al 07 Tp)

Quanto aos enquadramentos, as imagens escolhidas pelos sujeitos da pesquisa mostram na maioria o detalhe, em detrimento das imagens panorâmicas – revelando o contexto no qual a imagem foi realizada. Isso que fica evidente nas imagens escolhidas pelos alunos, pois quando aproximam a lente da câmera à delicadeza das flores, é como

se quisessem que, ao olhar, pudéssemos ser inebriados por seu perfume. Esse fato evoca-nos o sentido estético da fotografia, além das narrativas imagéticas que estamos determinados a construir neste capítulo. Com as fotografias, podemos construir um texto sem palavras, mas abundante em detalhes, com o qual nos deparamos na iminência de ler e reler, ou seria ver e rever?



(Al 13 Tp)

Segundo Wunder e Dias (2010, p. 173) a estética da fotografia não aporta apenas para o “estar ou não de acordo com o que se vê e fotografa, mas em que subsiste em uma certa forma de lidar com o sentido e com a linguagem, na busca de um dizer/pensar que se aproxime do imprevisível”. As autoras apostam na desvinculação da fotografia da função de representar para que se faça “proliferar a vida e o pensamento em meio à demolição das estruturas, afirmando a abertura, a indeterminação, a impossibilidade de totalizações e substancializações.” (p. 159).

No trabalho de análise das fotografias de artistas brasileiros Wunder e Dias (2010) afirmam que “o fotógrafo é o manipulador: o que provoca alterações, o que mistura coisas, o que adultera, torna falso”. (p. 164). Complementando a ideia de manipular a imagem, apresentamos para a discussão o pensamento de Barthes (1984, p. 26) ao questionar: “[...] a quem pertence a foto? ao sujeito (fotografado)? ao fotógrafo? A própria paisagem não passa de uma espécie de empréstimo feito junto ao proprietário do terreno?”.



(Al 03 Tp)

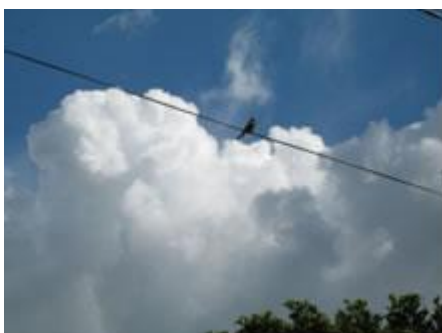


(Al 03 Tp)



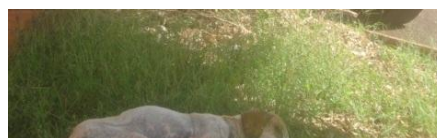
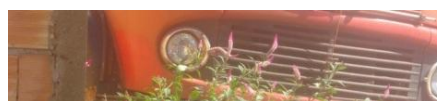
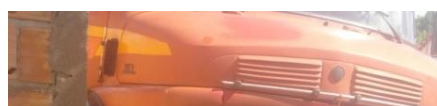
Se a foto pertencesse apenas ao fotógrafo, não teríamos a possibilidade e nem talvez a permissão para apresentarmos a primeira imagem mostrando a árvore, tampouco para focalizarmos nos detalhes, como fizemos na última imagem desse agrupamento. No entanto, a propósito do detalhe, utilizamos os recursos gráficos por compreendermos, que de alguma forma, uma foto não tem pertencimento único e, portanto, nos permitirmos fazer o destaque das imagens ao lado.

Nessa perspectiva, o detalhe torna-se grandioso na foto, fazendo com que a legenda elaborada pela aluna (Al 10 Tp) fique ainda mais adensada à imagem. Talvez essa aluna não conseguiu, no momento do registro, fazer um *close* do detalhe que gostaria de mostrar. De qualquer maneira, ao manipular a foto, evidenciamos que a legenda foge do discurso escolar, evocando outros sentidos.



Pequenos detalhes, tornam-se grandes momentos no nosso dia-a-dia. (Al 10 Tp)
(detalhe- foto montagem, pesquisadora)

Prosseguindo nessa ótica, a imagem a seguir revela, além do detalhe capturado, o contraste. Um cachorro dorme na frente de um caminhão. O que será que a autora da imagem quis mostrar com essa cena? Barthes (1984, p. 13) escreve que a fotografia “repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Este sujeito (Al 13 Tp) percebe e quis registrar o distrito em sua aparente calma, concebida a muitas comunidades afastadas geograficamente dos grandes centros? Ou o contraste entre a calma e o caminhão que, mesmo imóvel, representa o barulho, o trânsito, o comércio que existe em Tapuirama? O motivo da escolha da foto para compor a escrita dessa pesquisa é o diferente, a foto se destacou das outras que se preocuparam em registrar a natureza do distrito. A imagem marca o diferente, o detalhe e o contraste tanto para o fotógrafo quanto para o olhar do pesquisador e ainda para o olhar do leitor.



Não obstante, quando nos dedicamos à análise dos registros fotográficos percebemos que houve certo consenso, por parte dos alunos em retratar o meio ambiente, o que não impediu dezenas de fotografias registrando diversos espaços e elementos presentes na localidade, especialmente quanto à sua utilidade e importância para o meio ambiente. Por mais que tenhamos aqui apresentado várias fotos, ainda nos causa surpresa a maneira como os alunos percebem o local onde vivem. As casas, a igreja, o cachorro dormindo, o senhor sentado em frente à casa podem representar a cultura do local?

Não temos respostas para tal pergunta, mas a foto a seguir, representa para nós o contraste existente na maneira como esses sujeitos de pesquisa percebem o meio ambiente. Utilizamos-nos das palavras de Guimarães (2010) que “nem toda interrupção é potente para produzir pensamentos sobre o lugar em que se vive, sobre o que faço de mim mesmo nos lugares onde estou vivendo”.



(Al 01 Tp; Al 02 Tp)

Nesse panorama, os alunos se prepararam para a entrevista com os conhecedores de plantas e para trabalhar com os artefatos tecnológicos, o que foi necessário para a elaboração do documentário. Quanto à saída fotográfica, além de propiciar o contato e o aprofundamento dos alunos com os recursos midiáticos e aproximá-los do local onde moram, também foi possível apresentar-lhes outro conhecimento sobre o meio ambiente diferentemente do que é trabalhado na escola ou divulgado na mídia. Contudo, não é possível mensurarmos se as discussões sobre as fotografias e suas respectivas legendas fizeram com que os alunos mudassem de opinião quanto à compreensão de meio ambiente, até mesmo porque essa não era nossa intenção.

A próxima foto, em um primeiro instante, não foi considerada por mim. Isso, devido à minha vivência no distrito. Como professora de ciências, percebo que essa imagem gera uma conotação pejorativa, de um lugar “não propício para crianças e adolescentes”, mas que foi registrado por um dos alunos. No entanto, quando me permito outro olhar sobre a imagem e seus elementos, entendo que talvez não tenha sido a intenção da aluna registrar a foto de um bar. A aluna pode nem mesmo ter reparado que atrás da imagem principal da planta, havia uma imagem com a propaganda de uma bebida alcoólica. Falar/pensar sobre essa foto suscita em mim duas lembranças daquela tarde quente de outono, ocasião da saída fotográfica, na qual os alunos ficaram cansados pela caminhada e paramos para tomar um refrigerante. No entanto, o que me faz rejeitar essa foto em um primeiro momento de análise, é a experiência como professora, quando trabalhava os prejuízos do consumo de bebidas alcoólicas em excesso por adolescentes.



(Al 01 Tp; Al 02 Tp)

Porém, ao me aprofundar na análise dessa foto, percebo novamente o que ela exhibe como diferencial. Ela é o único registro de uma planta no vaso. O fato de o vaso de planta estar em um estabelecimento comercial de venda de bebidas alcóolicas já não tem o mesmo sentido. Trazer essa imagem para a configuração do capítulo me permite adentrar nos caminhos da pesquisa etnográfica, quando o pesquisador, ao se deparar com o fato ocorrido, insere em seu caderno de campo (diário, notas de campo) suas impressões pessoais.

Para expressarmos o cuidado na análise e apresentação das fotografias deste capítulo compartilhamos com Salgado (2011, p.84) a ideia de que não temos “propriedade de mostrar para as outras pessoas como é o lugar em que eles vivem”. Assim como a autora, no desenvolvimento desta pesquisa, explicamos para os sujeitos da pesquisa que “por causa de terem nascido ali e viverem cotidianamente naquele ambiente, a sabedoria e o olhar que possuem sobre este lugar é muito mais verdadeiro que as [...] impressões de quem está de fora.” (*idem*, p. xxx). Desse modo, contextualizamos as riquezas das narrativas analisadas no próximo capítulo.



(Al 01 Tp)



(Al 02 Tp)



(Al 15 Tp)



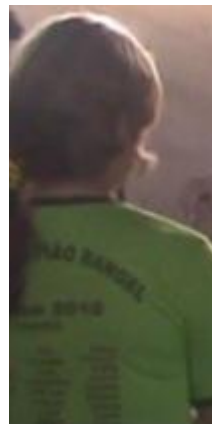
(Al 05 Tp; Al 07 Tp)



(Al 03 Tp; Al 15 Tp)



(Al 05 Tp)



CAPÍTULO IV

LEMBRANÇAS, DO QUE E PARA QUEM? AS MEMÓRIAS NARRADAS NO FILME E NOS REGISTROS VIDEOGRÁFICOS



A memória faz variar o ponto de vista, distende conceitos duros, solta o corpo ajustado, faz viver os mortos.

A memória inspira, recupera a graça do tempo, devolve o entusiasmo pelo que era caro e se perdeu, redime o sagrado.

A memória devolve não simplesmente o passado, mas o que o passado prometia. (ECLÉIA BOSI, 2003).

A epígrafe desse capítulo nos inspira a discussão a respeito da memória e o seu significado quando nos empreendemos na tarefa de identificar as histórias, os costumes e as tradições de uma comunidade rural. Ao contar, resgatar essas lembranças, elas tornam-se memórias. Bosi (2003) nos afirma que a memória devolve o que o passado vislumbrou e o presente esqueceu. Contudo, para suscitar as memórias propomos à comunidade estudada a construção coletiva do documentário⁸ “Causos do Cerrado”⁹ com o intuito de compreender como essa comunidade se relaciona com a natureza a partir do conhecimento popular sobre plantas e como essa relação se insere na cultura da população. O documentário é, portanto, um instrumento – ou nas palavras de Peter Burke (2010) um artefato – importante de registro das lembranças e divulgação das memórias.

Ao se trabalhar com a memória, geralmente o estudioso do assunto entrevista idosos dos quais se espera o rico testemunho de outras épocas. Nesse cenário, quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais se vai configurando aos seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos. (BOSI, 2003).

Em um tempo em que recebemos constantemente influência da mídia e, sobretudo da indústria midiática, a análise desse documentário que registra as narrativas de uma comunidade rural, ao relembrar suas tradições e cultura, é necessária para compreendermos de que maneira os indivíduos mais jovens dessa comunidade tomam conhecimento de sua própria história. Fischer (2008) afirma que na investigação sobre o diálogo entre a análise de produtos midiáticos e o depoimento de jovens estudantes

⁸ No anexo 4 apresentam-se as transcrições das falas desse documentário.

⁹ Causos do Cerrado [documentário]. Produção Coletiva. Uberlândia, Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia, 2010. DVD, 39 min. color. son.

sobre sua relação com os meios de comunicação, pode-se compreender melhor a noção do outro, para, assim, construir sua própria identidade.

Canclini (1997) assegura que “este mundo interconectado em que vivemos vem funcionando como laboratório intercultural e estético, no qual as inovações formais ora causam prazer aos sujeitos, ora provoca-lhes perplexidade, curiosidade ou indiferença.” Nessa perspectiva, ao evidenciarmos as questões de hibridação cultural, destacadas nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, corroboramos com o autor, que no prólogo da obra de 2008: “*Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*”, certifica que “essas formas híbridas têm sido gestadas nas ambivalências da industrialização e da massificação globalizada dos processos, bem como nos conflitos de poder que esses processos suscitam”. Já em outro trabalho, Canclini (2005) destaca o funcionamento dos bens culturais tradicionais cada vez mais semelhante aos que regem as produções midiáticas (computacionais).

Portanto, além da construção coletiva do documentário, utilizamos outros artefatos relacionados à mídia no desenvolvimento da pesquisa, como a análise das fotografias produzidas pelos alunos e apresentadas no capítulo anterior. Dessa forma, a compreensão da relação estabelecida pela comunidade com a natureza e a cultura local torna o uso de artefatos culturais instrumentos valiosos para o resgate das memórias que vão constituir a base da análise deste capítulo.

Segundo Bosi (2003) o trabalho com memória é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. A autora acredita que “o tempo não flui uniformemente”, mas que “o homem tornou o tempo humano em cada sociedade”.

Nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, “racionalizando” as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso [...] A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil. (*idem*, p. 53).

A citação acima é importante para a análise do documentário, uma vez que, ao nos contar sobre suas tradições, os conhecedores de plantas relembram suas relações familiares construídas desde a infância e que marcaram a maneira como percebem a realidade. Nesse contexto, “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado.” (*ibidem* p. 54).

Para a apreensão das histórias de vida desses sujeitos, os recursos midiáticos utilizados na coleta de dados nos permitem o registro do conhecimento popular sobre plantas em outra linguagem. Nesse sentido, as narrativas construídas pelos sujeitos (conhecedores de plantas e alunos da escola dessa comunidade) foram agrupadas em temáticas que serão discutidas a partir das imagens e sons registrados no processo de construção coletiva do documentário “Causos do Cerrado”.

O exercício de olhar para os dados construídos mostrou aspectos não pensados quando iniciamos o trabalho de pesquisa. Surpreenderam-nos as falas dos moradores no momento do registro para o documentário, referindo-se ao mundo atual, visto que as lembranças narradas não se restringiam ao conhecimento popular sobre as plantas, ao aprendizado desse conhecimento e ao uso dos recursos naturais para tal fim.

Dessa forma, adentremo-nos na análise dos dados, esclarecendo que não seguimos uma sequência cronológica para apresentá-los, pois eles se mesclam entre dados do documentário finalizado, das imagens registradas nos momentos dos registros videográficos e da oficina da produção do audiovisual.

4.1 Tempo e memórias no conhecimento popular sobre plantas

Esta temática apresenta as narrativas dos sujeitos da pesquisa que registram suas vivências em relação ao conhecimento popular e à utilização de plantas do bioma Cerrado com potencial curativo e/ou terapêutico. Sobre o assunto, destacamos a fala de uma das conhecedoras quando ela explica como e com quem aprendeu a prática da “benção” para atender as pessoas necessitadas:

Eu acompanhava meu pai e não aprendi [a benzer] de ofendido de cobra e de dor de dente, eu não aprendi. Ficou faltando essa, porque eu aprendi a benzer de cobreiro, *intecá* sangue, de peito *azangado*... Essas eu aprendi. E ele [o pai] falou assim *pra* mim: “Olha uma hora eu vou te ensinar, porque a gente é mortal, uma hora a gente morre [aí] fica sem saber [né] as pessoas. Então eu quero passar *pra* frente, eu não quero deixar isso acabar. E deu que ele faleceu de repente e não teve como eu aprender. Ficou. Perdi essa! (fala do sujeito da pesquisa Cp 03 Tp conforme transcrição do documentário).

Ao relembrar o pai, já falecido, essa conhecedora de plantas recorda as memórias do seu tempo de moça. Suas expressões faciais denotam satisfação pelo conhecimento adquirido no convívio familiar, quando era bem mais nova. Ela fala com

simplicidade, acreditando que esse conhecimento pode ser viável ao atendimento às pessoas necessitadas. Essa senhora afirma que gostaria de passar para os mais jovens, um pouco do que aprendeu com o pai sobre a utilização das plantas no tratamento de doenças. No entanto, ela explica que é a pessoa quem deve procurar por esse conhecimento, caso contrário, é como se o ensinamento não tivesse valor.

[...] uma pessoa, ela me pediu eu ensinei. Porque meu pai me ensinava que a gente não pode oferecer, ensinar *pro* outro se ele não pedir. [...] Porque às vezes você *tá* oferecendo e a pessoa não se importa com isso. Aí eu acho que nem vale também aquela *benção*. Nem vale, porque não foi do interesse da pessoa. Ela aprendeu, por aprender. (narrativa do sujeito da pesquisa Cp 03 Tp conforme transcrição dos registros videográficos).

Essa mesma conhecedora de plantas (Cp 03 Tp) complementa que acompanhava sempre a mãe. “Tudo o que ia fazer a gente estava sempre junto. Ela (a mãe) gostava de ensinar, passar pra gente as coisas como era.” A fala dessa conhecedora mostra que para o conhecimento popular ser repassado entre as gerações demanda certo convívio familiar. Um convívio existente nos dias atuais, mas bastante característico de um tempo em que as famílias, às vezes numerosas, dividiam entre si as tarefas cotidianas. Segundo os conhecedores de plantas dessa localidade, quando crianças, seus avós, em especial, pediam para que os auxiliassem a buscar alguma erva para fazer um chá ou para utilizar como tempero. A conhecedora de plantas (Cp 02 Tp) conta-nos que aprendeu com a avó as propriedades medicinais de algumas plantas quando “buscavam as espécies no mato”.

A minha avó dizia os nomes e para que servia. Na fazenda do meu pai tinha bastante “remédio”. Eu achava a melhor coisa *tá* no mato com minha avó. (fala do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp conforme transcrição do documentário).

Essas duas conhecedoras de plantas apresentam posturas diferentes diante da câmara, uma (Cp 03 Tp) fala com tranquilidade, compartilhando suas lembranças com o grupo presente na gravação do depoimento. A outra (Cp 02 Tp) é mais expressiva, fala sorrindo utilizando-se de entonações vocais variadas e gesticula bastante, não se intimida diante da câmara, ao contrário mostra-se bastante à vontade com a equipe de filmagem.



As senhoras retratadas acima são unânimes em esclarecer que gostariam de passar seus conhecimentos para outras pessoas. Os conhecedores de plantas são procurados no momento de necessidade. Mas depois, quem os procura não demonstra interesse em aprender. Para essas conhecedoras, ensinar o que sabem sobre as plantas, além de ser necessário para a manutenção desse conhecimento, significa o compromisso em ajudar o próximo. Para elas, o uso de chás ou a prática de *benzições* não anula a busca pelo serviço médico especializado, mas serve como um alívio temporário.

Então da maneira que a gente foi sendo criado, a gente procura passar *pro* jovem, algumas mãe que tem o primeiro bebê, que o bebê tá chorando, o bebê não quer mamar, não quer dá sossego, a mãe vem e me pede: me dá um *chazin*, até eu levar no pediatra. Então eu dou o *chazin*. (narrativa do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp conforme transcrição dos registros videográficos).

A utilização das plantas de acordo com suas propriedades medicinais pode conferir ao usuário ou a quem detém esse conhecimento, uma identidade característica (benzedeira, benzedor, raizeiro, raizeira). Todavia os sujeitos da pesquisa parecem não se preocupar em como são conhecidos pela comunidade a que pertencem. A preocupação deles concentra-se em passar para outras pessoas o que sabem:

Então, não é que é *pra* eles virar um raizeiro, porque eu não sou um raizeiro, mas eu faço um chá, e eu faço um remédio no pé do amigo, da colega, que chegou com aquele pé machucado, até ele correr num pronto socorro, eu dou uma ajuda [né] *pra* gente senti que aquela pessoa sentiu aliviada é uma benção *pra* gente. (narrativa do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp conforme transcrição dos registros videográficos).

A divulgação do conhecimento popular pode ser importante para garantir a preservação ambiental, como percebemos na narrativa dessa conhecedora de plantas, que nos fala sobre oferecer aos jovens outra condição de vida:

Então, sempre eu falo, a gente tem que ensinar um pouquinho do que sabe *pra* essa juventude de hoje, porque se eles ocupar o tempo; procurar uma coisa assim, livre de umas coisas pior [...] então pelas plantas, as pessoas envolvem com umas certas coisas e eles tira um prazo *pra* olhar aquela planta, *pra* dedicar *pra* aquela planta, *pra* plantar uma mudinha, *pra* ela não ficar em extinção, porque igual os peixes, igual os animais [né]. Se *nóis* fô matando daqui uns anos *nóis* não temo mais. (narrativa do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp conforme transcrição dos registros videográficos).

Quando há interesse em aprender sobre as propriedades das plantas, os conhecedores repassam seus conhecimentos com satisfação. Sobre essa questão a conhecedora (Cp 03 Tp) fala do envolvimento dos filhos com o conhecimento popular sobre plantas:

[...] o filho que trabalha com reflorestamento aprendeu muito com as plantas do Cerrado. Já a minha filha mais velha *tá* aprendendo comigo. Ela precisa de um chazinho, ela pede: ‘mãe, faz um chazinho [...] Pra que que é bom essa planta?’ Aí eu faço um chazinho, eu levo a planta, ensino. Então ela *tá* aprendendo. *Tá* tendo interesse de aprender, porque ela sabe que foi muito válido pra ela e *tá* sendo muito válido graças a Deus. (fala do sujeito da pesquisa Cp 03 Tp conforme transcrição do documentário).

Segundo a conhecedora (Cp 03 Tp) a filha conhece e faz uso de algumas plantas medicinais. Ela não planta essas espécies em casa porque seu quintal é todo cimentado, mas traz algumas mudas e pede para a mãe plantar para fazer uso quando necessário. Ao ser questionada quanto à participação dos filhos em outras atividades sociais e culturais do distrito, a conhecedora de plantas explica-nos que seus filhos estão sempre envolvidos e dispostos a ajudarem.

[...] o outro não (referindo-se a um dos filhos que não participa da organização das festas religiosas), porque ele é de outra religião. Então a gente não gosta muito, não peço muito. Mas os outros dois ajudam, mesmo que não participem de todas as festas, ou no dia da festa, mas ajudam. Se não fosse os filhos da gente hoje... é essa ajuda que a gente tem. Esse cuidado que eles têm com a gente. Às vezes a gente não dava conta de tudo isso que a gente tem, de tanta responsabilidade. [...] porque os filhos dão o apoio por fora. A mesma coisa o trabalho. Quantas pessoas por fora têm que ajudar a gente *pra* gente conseguir. [Então] eu sinto os meus filhos, os nossos filhos. Eles dão muito apoio *pra* nós, de conhecimento, de tudo. (narrativa do sujeito da pesquisa Cp 02 TP, transcrita dos registros videográficos).

No trecho acima, percebemos que o apoio dos filhos é importante para a propagação das tradições da família, além de configurar-se no reconhecimento pela atuação das pessoas mais velhas na vida da comunidade. A princípio poderíamos esperar que houvesse certo constrangimento por parte da conhecedora, ao mencionar pontos de divergências, como quando essa senhora nos conta sobre o filho não seguir a religião dos pais. O envolvimento dos filhos da conhecedora com as tradições culturais da comunidade e as dificuldades de um deles em participar das festas religiosas, uma

vez que frequenta outra igreja, indica processos de hibridação cultural. A conhecedora parece não se importar que o filho seja de outra religião, pois ele, de certa forma, se dedica a tradições religiosas de sua família. Percebemos que essa senhora compreende a necessidade de se conciliar as diferenças para manter a união da família. Nesse sentido, parece não haver uma hegemonia cultural que traga uma homogeneidade aos costumes, quase que obrigatória. Burke (2010, p. 20) comenta que vivemos em tempos de “cristianismo ecumênico”, enfatizando a importância das trocas culturais entre as diferentes denominações religiosas.

O apoio dos filhos aos seus pais, especialmente quando já estão adentrando na velhice, é importante para fortalecer a identidade desses sujeitos. É necessário que estejamos atentos às suas memórias e histórias. Segundo Bosi (1994) o adulto ativo não se ocupa longamente com o passado, mas, quando o faz, é como se o passado lhe sobreviesse em forma de sonho, na medida em que a memória, para esse sujeito, é fuga. De maneira contrária, a autora afirma que ao lembrar do passado, “o velho está descansando, por um instante das lidas cotidianas, ele está se entregando consciente e atentamente do próprio passado, da substância da sua vida.” (p. 60).

Ao analisarmos os dados aqui apresentados percebemos a intensa relação familiar presente nas memórias desses senhores e ainda na forma como eles receberam e repassam seus conhecimentos, o que nos faz recorrer novamente às palavras de Ecléia Bosi (1994):

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita. Enquanto seus pais entregam-se às atividades da idade madura. As crianças mergulham suas raízes na história vivida por seus avós parentes mais próximos. [...] Os velhos têm o poder de tornar presentes na família os que se ausentaram. (*idem*, p. 73-74).

Segundo Canclini (2008) a preservação pura das tradições não é sempre o melhor recurso para se reproduzir e reelaborar as situações vividas pelas comunidades tradicionais. Com esta pesquisa não queremos propor que essa comunidade viva afastada dos recursos e avanços da contemporaneidade, mas pretendemos, sobretudo, favorecer o interesse dos mais jovens quanto ao conhecimento das tradições, histórias e memórias da localidade onde vivem. Procuramos identificar pontos em que a tradição e a modernidade se relacionam não no sentido de uma sobrepor-se à outra ou negá-la, mas de ambas surgirem como outra possibilidade de vivenciar a relação homem-

natureza/natureza-cultura. A análise das narrativas evidencia que os sujeitos da pesquisa estão mergulhados em contextos híbridos.

Questões relacionadas à religiosidade e à fé estão presentes nas narrativas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa e constituem-se como ponto de hibridação cultural, por destacar a confiança no conhecimento popular, como tradição, sem ignorar o desenvolvimento e o acesso aos artefatos tecnológicos. Mesmo com fé no conhecimento popular, esses conhecedores reconhecem e fazem uso do conhecimento científico quando indicado pelo médico ou pelo farmacêutico. Eles não se colocam à margem dos recursos da contemporaneidade, pelo contrário, se posicionam como favoráveis à conciliação do que é científico com o popular, ou seja, em muitos casos, os chás de ervas oferecem um alívio imediato, para que a pessoa procure o médico com mais tranquilidade, ou em situações mais graves.

Nesse sentido, esse conhecimento pode ser útil para socorrer algumas emergências como “ofendido de cobra”, “peito azangado” ou curar o “umbigo de nenê.” Uma das conhecedoras de plantas (Cp 03 Tp) inicia seu depoimento dizendo-nos que o que ela quer, é nos passar uma experiência que tem desde criança. “De muitos e muitos anos, que a gente aprendeu com os pais da gente, com as pessoas mais antigas, os tios, os avós.” Ela destaca, porém, que para se fazer o uso das plantas com propriedades medicinais é preciso ter “fé que aquilo vai curar.” Outra conhecedora (Cp 02 Tp) conta-nos sobre a fé em fazer uso das plantas medicinais, mas que também procura o recurso médico, especialmente em casos mais delicados quando, por exemplo, fez uma cirurgia para retirada de um tumor no nariz. A cicatrização estava complicada e demorada seguindo as orientações do médico. Então, ela fez uso da casca de uma árvore do Cerrado.

Coloquei num guardanapo (referindo-se a planta utilizada) e levei *pra* ele. Chequei lá, quando ele olhou meu nariz, ele falou: “dona (cita o nome dela) a senhora não existe! O que é que a senhora fez? O que ela fez seu (cita o nome do marido dela)?” Aí eu falei, agora eu vou te mostrar doutor, por que eu não faço nada escondido de ninguém. Jamais eu escondo as coisas do ser humano. Jamais! Aqui oh! Eu usei isso daqui [Oh!] (nesse momento, ela abre as mãos como se estivesse mostrando o que havia usado). Eu *tava* ruim demais, *tava* doendo demais e o remédio que o senhor passou *pra* mim, a pomada que o senhor me receitou não *tava* valendo de nada. [...] Eu tenho fé com o remédio da farmácia, mas também tenho remédio em casa que eu tenho fé demais, também. Então eu fico entre a cruz e a espada. (fala do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp conforme transcrição do documentário).

Ela conta orgulhosa o fato ocorrido e diz que, ao ver o resultado, o médico perguntou “que pau é esse?” Rindo ela complementa que o médico brincou, dizendo que “iria fazer todo tipo de plástica [cirurgia plástica] e mandar para ela fazer o curativo”. Ela responde: “pode, pode mandar! Porque eu vou falar a verdade, foi o que me aliviou [...] e tô aqui graças a Deus [né]”. Ela novamente faz questão de afirmar que não esconde nada de ninguém e que tudo o faz é para ajudar as pessoas. A fé é algo importante, também no sentido religioso do termo. Ela realmente se reconhece como alguém que pode ajudar os outros, mas que isso é possível graças a um “auxílio divino”.

Então eu não sei qual a religião de vocês, mas jamais, *quarquer* ramo que eu *vô panhar* ali *pra* fazer um chá eu falo ali: “Nossa Senhora, abençoa esse chá *pra* esse ser humano que vai tomar. Porque ele *tá* necessitando de uma ajuda, e a única ajuda que eu posso dá a esse ser humano agora é esse chazinho. Então *cê* desce a sua *bença*, e pronto!” (fala do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp conforme transcrição do documentário).

Para reforçar as evidências de que os sujeitos da pesquisa se encontram em processos de hibridação cultural, especialmente quando afirmam que conservam suas tradições, mas que, quando necessário, utilizam outros recursos ditos científicos, tecnológicos e/ou veiculados pela mídia, recorremos a outro trecho do documentário, em que um dos conhecedores de plantas (Cp 06), pertencente à outra localidade onde foram feitas as imagens, mostra para a câmara uma cartela de comprimidos industrializados. Segundo ele, o remédio do médico nem sempre promove a cura desejada, por isso, mesmo fazendo uso do “remédio da farmácia” (nas palavras dele) ele reconhece que também faz uso de chás. Esse senhor afirma que é necessário conciliar o uso dos recursos que hoje estão disponíveis, com a preservação e a divulgação dos costumes de uma comunidade. As imagens, assim como a fala evidenciam o processo de hibridação cultural: o chapéu, a casa simples rodeada por plantas e instrumentos para a lida com a roça e a viola caipira contrastam com a cartela do remédio que propositalmente estava no bolso da camisa para ser retirado no momento da filmagem.



A hibridação aparece nos termos estabelecidos entre o tradicional e o moderno/atual; o popular e o culto, este último caracterizado pelo conhecimento científico. Os depoimentos que ressaltam a fé como condição para a utilização do conhecimento popular, mostram como os sujeitos da pesquisa não restringem seu conhecimento ao domínio popular sobre plantas do Cerrado ou medicinais. Há indícios de que o mundo atual está presente na cultura popular, pois é possível perceber que, ao falarem para a câmara, outras narrativas aparecem, especialmente as tradicionalmente veiculadas pela mídia como as cirurgias estéticas, evidenciando que a cultura midiática está presente na vida dessas pessoas.

Nesse sentido, concordamos com Momo (2010) ao compreendemos que a linguagem midiática, representada por uma câmara filmadora para “quem” irá se contar uma história, ou ainda com quem esses sujeitos irão reviver suas memórias, é capaz de instituir verdades, conhecimentos válidos. Para essa autora, “as novas tecnologias da comunicação afetam a forma como o conhecimento é produzido e a forma como ele circula.” (p. 70)

De maneira geral, acredita-se que o conhecimento das populações tradicionais esteja se perdendo em meio aos novos mecanismos de comunicação e à dinâmica frenética da vida contemporânea. Quando iniciamos esta pesquisa, suspeitávamos que a comunidade preservava e divulgava seus costumes tradicionais. No decorrer do trabalho, fomos surpreendidos em relação à como esses sujeitos se posicionam frente a essa questão, apresentando-nos indícios característicos de hibridação cultural. Nesse contexto, o aparato tecnológico, representado pela construção do documentário, traz

para as cenas outras narrativas, que não estavam presentes quando os conhecedores de plantas respondiam às questões abordadas no levantamento etnobotânico. (OLIVEIRA, 2008). Neste último, as respostas dadas pelos conhecedores de plantas se restringiam ao conhecimento popular sobre plantas.

Retomando a análise das narrativas, ao falarem sobre o uso de plantas medicinais, como conhecimento repassado por seus pais e avós, os conhecedores de plantas, registram as facilidades encontradas nos dias de hoje e não acham que isso descaracteriza suas tradições populares. A conhecedora (Cp 02 Tp), ao falar dos ensinamentos repassados pela avó, sorri e comenta sobre a facilidade de encontrar as espécies necessárias para o tratamento de determinada doença. Segundo ela, no comércio de Uberlândia podem-se comprar algumas dessas espécies (folhas, frutos, sementes, raízes, casca e outros), o que facilita, já que no Cerrado, atualmente, nem sempre se encontram as espécies utilizadas para o chá e outros tratamentos.

Outro ponto de destaque nas narrativas menciona as mudanças ocorridas no distrito e no modo de vida da comunidade. Na fala inicial do documentário, um dos sujeitos da pesquisa (Cp 01 Tp) relembra como era o distrito e quais eram os costumes das pessoas da época:

[...] 50 anos, digamos assim atrás, teve uma mudança muito grande, porque era um lugarejo de poucas pessoas, de poucos até recurso. Existia um farmacêutico, existia, *vamo* falar [assim] um supermercado, *nóis* falava era venda. Tinha *umas* venda e *as coisas vinha* de transporte de Uberlândia, como hoje. Era assim, duas vezes por semana as pessoas faziam os *munimentos* dos seus armazém. E as pessoas iam comprando na venda. E as pessoas iam comprando. Tinha uma loja, as pessoas traziam os tecidos [né] e iam repassando *pras* pessoas. E *nessas época* as pessoas comprava na venda ou no armazém, que *nóis falamo*, seja na loja *pra* pagar no outro ano. E pagava, graças a Deus pagava. E Tapuirama, também era muitas poucas casa, as *veis* um quarteirão tinha 4 casa [...] hoje muita gente *tá* construindo dentro do terreno, *tá* sobrando terreno. E hoje como a tecnologia mudou, mudou as plantações, *vamo* falar assim, hoje tem o milho, tem a soja. Veio as plantação de madeira, o eucalipto, o pinus. Hoje temos a cana [né]. E *tão* cultivando essas outras plantações, então as firmas foi e acampou e pegou esse pessoal. E hoje esse pessoal que *vamo* falar mexe com lavoura, gasta muita pouca gente, é muito pouquinho [...] porque o maquinário faz tudo. Não tem mais serviço braçal. Então o povo saiu *pra* Uberlândia, *pra* trabalhar de funcionário. Quem não *pôs* seu comércio, trabalhar de funcionário [...]. (fala do sujeito da pesquisa Cp 01 Tp conforme transcrição do documentário).

A fala desse senhor expõe como a cultura local encontra-se hibridizada. Ao analisarmos as narrativas desses sujeitos, é possível perceber o quanto eles estão satisfeitos pela oportunidade de resgatar e registrar suas próprias memórias. O trecho acima expõe que ao relembrar do modo de vida do passado, esse senhor admite as facilidades que a tecnologia trouxe, mas também algumas dificuldades como a questão do trabalho. Nessa perspectiva, a narrativa apresentada pelo Conhecedor de Plantas (Cp 01 Tp) demonstra que a comunidade passou por algumas mudanças, como pode ser percebido no trecho a seguir:

Agora hoje nós mudamos. Mudamos a vida. Mudamos para melhor! Por que mudamos para melhor? Quase todas as pessoas hoje têm o interesse de ter um negócio por conta. Uma loja, uma sapataria, um supermercado, um açougue. Hoje todo mundo se envolveu. E hoje, todo mundo *tá* se comprando. Não tem aquelas plantaçaõ antiga, que a gente plantava [...]. Hoje não, tudo o que você quer, vai no supermercado. E o supermercado se desenvolveu. E todo mundo vai comprando. [...] (fala do sujeito da pesquisa Cp 01 Tp, transcrita dos registros videográficos).

Para complementar o trecho anterior, esse mesmo sujeito da pesquisa afirma que:

Ah sem dúvida! Primeiro era só o casal, o proprietário da casa administrava. Ele comprava tudo [...] os filhos não tinha dinheiro no bolso como hoje *quarquer* um tem. Pega aí tem dinheiro no bolso. Graças à Deus, *quarquer* um tem. [...] (fala do sujeito da pesquisa Cp 01 Tp, transcrita dos registros videográficos).

Com as narrativas apresentadas sobre a consciência dos sujeitos da pesquisa, quanto às mudanças no cotidiano da comunidade, encontramos o que Hall (2003, p. 232) caracteriza como resistência e contenção. Para o autor, as tradições parecem resistir de um período a outro, ou seja, “a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a ‘reforma’ do povo era buscada. É por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida”, o que pode caracterizar um tradicionalismo conservador e frequentemente mal interpretado. Contudo, as tradições também podem manter as relações estabelecidas entre os homens e com as formas de vida, não significando, simplesmente, resistência às transformações culturais.

Nesse sentido, ao analisarmos as narrativas dos conhecedores de plantas, identificamos, na relação desses sujeitos com a natureza e na maneira como a cultura

perpassa essa relação, características não apenas de resistência e contenção, mas que marcam essa comunidade como uma comunidade hibridizada. Isso pode ser compreendido na narrativa a seguir:

[...] o tempo que a gente morava na fazenda... [Então] é muito difícil médico, não existia médico. Mulher não sabia o que era um médico *dum* pré-natal [né]. Então, todas elas ganhavam bebê em casa. *As parteira ensinava aqueles chazin*. A gente fazia, aprendeu com minha avó, com minha mãe a dar esses *chazin*. Quando eu ganhei meus filhos, que foi na fazenda, eu morava na fazenda. Eu ganhei meus filhos, *e em vai eu* nos chá. [...] veio os netos, já tem a medicina, tudo mais, mas nunca que as minhas netas foram deixar de ir na medicina, no pediatra *pra* fazer os *chazin*. Sempre eu levava no médico, vinha e dava meus *chazin*. (fala do sujeito da pesquisa Cp 02 Tp, transcrita dos registros videográficos).

Sobre o assunto, Canclini (2008, p. 215) enfatiza que “o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais”. Visto que “nas últimas décadas as culturas modernas se desenvolvem transformando-se”. (*idem*). Compreendemos que a cultura tradicional encontra-se exposta a uma “interação crescente com a informação, a comunicação e os entretenimentos produzidos industrial e maciçamente.” (p. 253) Para o autor “apenas grupos fundamentalistas congelam o popular no amor à terra e à raça, em características biológicas e “telúricas”, tal como se imaginam que existiram em etapas pré-industriais.” (p. 264).

Nesse sentido, reportamo-nos às palavras de Wortmann (2010, p. 29) sobre a necessidade de focalizar melhor a dimensão explicativa do conceito de hibridação, pela consideração das “ideias de movimento, de trânsito e de provisoriedade de hibridação que devem ser associadas a esse conceito quando o entendemos como um processo”. A autora coloca o “conceito de hibridação sob rasura” ao estender o conceito de hibridação para o conceito de identidade segundo Stuart Hall (2000). Ela afirma ser possível que a hibridação, quando tomada como um processo que serve para explicar uma variada gama de encontros interculturais, não pode ser pensada exclusivamente em seu significado antigo, de conotações biológicas. (WORTMANN, 2010, p. 30).

Segundo Canclini (2008, p. 254) nas transformações das culturas populares, enquanto alguns preferem “entendê-la em termos da diferença, diversidade e pluralidade cultural”, outros “recusam-se a perceber a heterogeneidade como ‘mera superposição de culturas’ e falam de uma participação segmentada e diferencial” em um mercado que

atinge a cultura local de maneira inesperada. O autor afirma que uma visão sociológica é indispensável para se evitar o isolamento ilusório das identidades locais, para incluir, na análise, a reorganização da cultura de cada grupo pelos movimentos que a subordinam ao mercado internacional ou que ao menos exijam interação com ele.

Não queremos estabelecer que não se devam considerar as novidades tecnológicas e o avanço científico, pois, como bem nos fala os sujeitos de pesquisa Cp 01 Tp e Cp 03 Tp, os tempos de hoje tem suas facilidades e oportunidades que devem ser aproveitadas. Na análise das narrativas construídas durante as gravações do documentário, fica claro, portanto, que essas facilidades são importantes para os dias atuais. No entanto, as experiências do mundo contemporâneo não devem substituir as memórias do passado, mesmo com a forte presença da cultura midiática na vida dessa comunidade.

Concordamos com Krelling et al. (2010) que, ao assumirmos a educação ambiental como um processo educativo, ela deve ser um processo coletivo e dialógico de construção do conhecimento, e acima de tudo, deve respeitar a autonomia do educando. Isso nos leva a compreender que a análise das narrativas do documentário “Causos do Cerrado” não pode representar a valorização dos costumes e tradições dos moradores mais antigos em prol do que hoje se apresenta disponível aos jovens em termos de experiências e oportunidades cotidianas. O contrário também está correto. Neste trabalho, ao registrarmos a cultura popular sobre as memórias do passado, também não podemos fazê-lo em virtude da não aceitação da atualidade.

A temática a seguir, traz a análise das narrativas quanto ao uso da mídia para se promover o diálogo entre os sujeitos de pesquisa acerca do conhecimento popular de plantas do Cerrado.

4.2 O documentário como dispositivo de aprender e ensinar sobre o uso de plantas



O documentário foi pensado como dispositivo para se aprender e ensinar sobre o uso de plantas. No título dessa temática, aprender e ensinar estão separados, configurando-se em uma situação diferente do que acontece no processo de escolarização, quando o professor ao ensinar deseja que seus alunos aprendam o conteúdo. Na relação entre os conhecedores de plantas e as pessoas que fazem uso das plantas medicinais, por mais que se ensine nem sempre há o interesse em aprender. É como se as pessoas fossem atrás do objeto e não do conhecimento em si. Dessa forma, muito mais do que um trabalho de ensino e aprendizagem, compreendemos que este é um trabalho de registro sobre as memórias. Sobre esse aspecto, Bosi (2003, p. 53) nos afirma que é “um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

Na oficina de produção audiovisual elaboramos o roteiro desse documentário e escolhemos os lugares e pessoas a serem filmados. O profissional de cinema que coordenou essa atividade e editou o documentário, esclareceu-nos que seria importante iniciarmos o documentário com algumas cenas que caracterizam a região, ou seja, deveríamos mostrar os locais que os sujeitos da pesquisa haviam indicado como típicos da região. Esses lugares foram citados pelos sujeitos da pesquisa, durante a oficina, ou registrados na saída fotográfica pelos alunos.

Em meio às lembranças, curiosidades e histórias contadas pelos conhecedores de plantas, destacamos os momentos em que eles se reconhecem como detentores desse conhecimento popular. Eles demonstram satisfação por conhecer o lugar onde vivem e

manter viva “essa tradição”, ensinando o que sabem para outras pessoas, especialmente para os filhos e netos.

Na vinda de vocês é que a gente foi pensando: uê eu não sabia a importância daquela árvore, daquela madeira. Agora eu vou passando e vou pensando que eu sei. Agora eu vou passando por aí e vejo aquela madeira, que eu falei outro dia. Ela serve *pra* isso, serve *pra* *quilo*. Então foi a pouco agora é que a gente foi conhecendo mais. Sabia, mas não sabia assim: ah! Isso é bom *pra* isso [né]. (fala do sujeito da pesquisa Cp 01 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Outra conhecedora de plantas conta-nos que não gostaria de deixar os ensinamentos do pai e do avô acabarem, portanto gostaria de manter alguns costumes, por exemplo, o cultivo de plantas e o uso de chás para ensinar aos netos e, se possível, aos bisnetos.

Eu nunca quis deixar de ficar sem, sempre eu quis cultivar essas coisas mais antigas, igual tem a cana-do-reno que é bom *pra* [...]. Eu tinha uma moita grande, *pra* passar *pra* pessoas, porque hoje quase ninguém conhece. Então eu gosto de cultivar porque tem os netos, daqui um tempo chega os bisnetos e eu não queria deixar isso acabar, *pra* passar isso *pra* frente *pra* eles. (fala do sujeito da pesquisa Cp 03 Tp transcrita dos registros videográficos).

Em consonância, com a análise das narrativas produzidas pelos conhecedores de plantas trazemos, também, a análise das narrativas produzidas pelos alunos, registradas após as filmagens do documentário. Alguns alunos afirmam que aprenderam mais sobre a natureza e sobre a utilidade das plantas, conforme percebemos nos trechos abaixo:

Eu vou poder usar mais remédio natural do que do farmacêutico. [...] A entrevista que eu mais gostei foi a da dona... (ele cita o nome de uma das conhecedoras de plantas). Porque ela explicou bem. Falou muito sobre as plantas. Falou sobre as pessoas que usavam... (fala do sujeito da pesquisa Al 08 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Apreendi mais sobre as plantas medicinais. Eu sabia um pouco, mas passei a saber mais. Aprendi mais sobre o meio ambiente. Por exemplo, se fosse para eu tirar outras fotos sobre o meio ambiente eu iria agora tirar foto não só da planta que estava em cima do telhado daquela casa, mas também da casa. (fala do sujeito da pesquisa Al 07

Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Os depoimentos apresentados acima reportam como foi significativa para os estudantes a participação não apenas nas gravações do documentário como também na elaboração do roteiro e demais atividades desenvolvidas nas oficinas. Ao escutarem as histórias e curiosidades da comunidade onde vivem, é oferecida a esses sujeitos a possibilidade de se compreenderem de outra maneira. Momo (2010), utilizando-se das palavras de Bauman (1999), destaca que o mundo de hoje engaja seus membros na sociedade em função de sua condição de consumidor. Para ela, a “síndrome consumista” coloca o valor da novidade acima do valor da permanência e da duração, de tal modo que “a cultura que vivemos não é a do acúmulo e do aprendizado, mas uma cultura da descontinuidade, do desengajamento e do esquecimento.” (p. 75).

Portanto, ao propormos uma discussão ambiental é oportuno considerarmos a questão do consumo e do consumismo que também recai sobre essa comunidade. Nesse sentido, percebemos que algumas pessoas, talvez especialmente os indivíduos mais jovens, são fortemente influenciados pelo consumo propagado na mídia. Esse fato pode sugerir que eles preferem a novidade em virtude do envolvimento com o passado. Momo (2010) apresenta em seu trabalho um indício de como a relação dos jovens com a mídia interfere na percepção deles sobre sua realidade. Nesse trabalho, podemos ampliar essa compreensão ao concordamos com Canclini (2008) quando afirma que as relações entre as tradições populares e a modernidade, não costumam ser igualitárias, mas resultam da “descentralização de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam” (p. 262). Para o autor, não se pode atribuir aos meios eletrônicos a origem da massificação das culturas populares. Esse equívoco foi propiciado pelos primeiros estudos sobre comunicação, segundo os quais a “*cultura massiva* substituiria o culto e o popular tradicionais.” (p. 255).

Nesse sentido, as falas de alguns alunos certificam a importância do documentário para a divulgação da cultura e dos conhecimentos dessa comunidade:

Eu aprendi sobre as plantas. Eu já sabia, mas não sabia que tinha tanta utilidade. Agora a gente tem mais ideia do que é o meio ambiente que a gente vive, agora a gente pensa ao contrário. (fala do sujeito da pesquisa Al 13 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Eu aprendi a fazer as filmagens, a perguntar [para os entrevistados]. [...] Eu acho importante [referindo-se ao documentário], porque até mesmo as pessoas que a gente entrevistou não sabiam que elas sabiam. (fala do sujeito da pesquisa A1 05 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Por meio das narrativas apresentadas nessa temática, compreendemos o papel de um documentário e outros recursos midiáticos quanto à popularidade e, conseqüentemente, a divulgação de um determinado conhecimento ou prática tradicional. Nesse sentido, Canclini (2008) lembra-nos que:

O popular não consiste no que o povo é ou tem, mas no que é acessível para ele, no que gosta, no que merece sua adesão ou usa com frequência. [...] Essa maneira heteronômica de definir a cultura subalterna é gerada, em parte, pela onipresença que se atribui à mídia. Ainda não acabamos de sair do deslumbramento que suscitou nos comunicólogos ver a rapidez com a que a televisão multiplicava sua audiência na etapa de acumulação primitiva de públicos. É curioso que essa crença na capacidade ilimitada da mídia para estabelecer os roteiros do comportamento social continue impregnando textos críticos, daqueles que trabalham por uma organização democrática da cultura e acusam a mídia de conseguir por si própria distrair as massas de sua realidade. (*idem*, p. 261).

Portanto, para nós, a construção coletiva de um documentário, que retrata o conhecimento popular, constitui-se na possibilidade de valorização do mesmo e não no questionamento ou na possibilidade de enfrentamento desse conhecimento popular perante as descobertas científicas. “O conhecimento é construído a partir da ruptura com as pré-noções e suas condições de credibilidade, com as aparências do senso comum, seja popular, político ou científico.” (CANCLINI, 2008, p. 271).

Em relação à questão da preservação do conhecimento popular sobre plantas medicinais e da continuidade dessa prática, os conhecedores de plantas foram unânimes em afirmar que se sentem úteis por poder socorrer outra pessoa que está necessitada. No entanto, como esse conhecimento é repassado de geração a geração é necessário o interesse do outro em aprender. Tais ensinamentos podem estar ameaçados, visto o pouco envolvimento dos mais novos com tais práticas culturais.

Nesse sentido, ao se propor o estudo da cultura popular de uma comunidade, utilizamo-nos das palavras de Canclini (2008) quando ele afirma que o “problema é que esses universos de práticas e símbolos antigos estariam perecendo ou debilitando-se devido ao avanço da modernidade.” (p. 253). Para o autor, as constantes migrações do

campo para a cidade desarraigam os produtores e usuários dessas práticas, frente à ação da escola e das indústrias culturais, uma vez que a simbologia tradicional, só pode oferecer fragmentos desses estratos culturais.

O autor utiliza-se do folclore como um dos símbolos da cultura popular. Nesse contexto, podemos destacar que:

O folclore mantém certa coesão e resistência em comunidades indígenas ou zonas rurais, em “espaços urbanos de marginalidade extrema”, mas mesmo ali cresce a reivindicação de educação formal. A cultura tradicional se encontra exposta a uma interação crescente com a informação, a comunicação e os entretenimentos produzidos industrial e maciçamente. (Canclini, 2008, p. 253).

Esse mesmo autor identifica ainda, que:

Para a mídia, o popular não é o resultado de tradições, nem da “personalidade” coletiva, tampouco se define por seu caráter manual, artesanal, oral, em suma, pré-moderno. Os comunicólogos vêem a cultura popular contemporânea constituída a partir dos meios eletrônicos, não como resultado de diferenças locais, mas da ação difusora e integradora da indústria cultural. (*idem*, p. 259).

Diferentemente, do que encontramos na análise das fotografias, no trecho a seguir a discussão privilegia não só o conhecimento escolar, mas o reconhece como um conhecimento compartimentalizado em disciplinas. Nesse sentido, temos a fala de uma das alunas ao questionar como a professora de Português sabia reconhecer algumas plantas de uso medicinal que a pesquisadora (que também havia sido professora de Ciências) não conhecia. A pesquisadora afirma para a aluna que a professora de Português sabe muito sobre plantas, especialmente por fazer uso de algumas espécies conhecidas por sua propriedade medicinal. A professora de Português complementa que conhecimento nunca é demais. Ou seja, o conhecimento sobre plantas não é exclusivo da área de Ciências, portanto a divulgação desse conhecimento popular deve ser incentivada.

“_Essa aí é que é a alfavaca?” (pergunta a pesquisadora) “_Não!” (responde a professora de Português). Uma aluna interrompe o diálogo: “_Ela tá sabendo mais do que você.” (direcionando-se à pesquisadora). A pesquisadora responde que a professora sabe mais mesmo. A professora de Português afirma que trabalha com plantas:”
_ Eu não sou professora de Ciências, mas eu trabalho com planta

também.” (Diário de Campo da pesquisadora: dia das filmagens/entrevista para a construção do documentário).

Ao analisarmos esse fragmento, destacamos alguns questionamentos, tais como: Será que para os alunos, o conhecimento sobre plantas deve ser apenas do domínio dos professores de ciências? Mas então como esse conhecimento e as tradições da comunidade a esse respeito têm sido divulgados? De que maneira a construção coletiva de um documentário pode ser um instrumento de valorização e reconhecimento da cultura de uma comunidade, especialmente, pelos indivíduos mais novos que também fazem parte dela?

Dessa forma, apresenta-se, como já foi comentada anteriormente, a construção coletiva do documentário como forma de promover o registro e a divulgação do conhecimento popular sobre plantas medicinais e também sobre as memórias da comunidade. Segundo Momo (2010), na contemporaneidade, a mídia representa uma das principais instâncias produtoras de significados, amplamente aceitos e compartilhados. Portanto, a mídia tem alterado, modificado, os processos de produção, circulação e consumo de significados, compondo uma cultura distinta da cultura de outras épocas. A autora considera que os “significados culturais são estabelecidos através de práticas sociais como a própria representação, devo dizer que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, a mídia tem sido uma das principais produtoras das representações que compartilhamos”. (p. 79).

De acordo com Canclini (2008, p. 196) “os produtos gerados pelas classes populares costumam ser mais representativos da história local e mais adequados às necessidades presentes do grupo que os fabrica.” Constituem-se “seu patrimônio próprio”. Para o autor, uma das maneiras de converter esses produtos em patrimônio generalizado e amplamente reconhecido é acumulá-los historicamente, tornando-os base de um “saber objetivado relativamente independente dos indivíduos e da simples transmissão oral”.

Nesse sentido, o documentário mostrou-se capaz de provocar a divulgação de práticas sociais dessa comunidade, como percebemos na narrativa a seguir:

Gostei do senhor (cita o nome do conhecedor Cp 01 Tp) falando, eu não sabia da Cavalhada, como disse o (cita no nome de um dos alunos Al 08 Tp). Pude aprender muito sobre as plantas. A oficina que eu mais gostei foi lá em Uberlândia. [...] Eu achei importante, porque não sabia fazer um vídeo, e agora sei. (fala do sujeito da pesquisa Al 11 Tp)

conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Apresentamos outra narrativa, que menciona a importância das atividades para a valorização do conhecimento popular e do meio ambiente:

Mudou (referindo-se à sua concepção de mundo depois de participar das oficinas e da construção do documentário). Agora a gente vê alguma coisa, pára para observar alguma coisa. Tem hora que a gente até pensa, que a gente não observa o tanto que a natureza é bonita. A gente vê tanto animal. (fala do sujeito da pesquisa A1 05 Tp conforme transcrição das narrativas construídas após as filmagens do documentário).

Nas palavras de Momo (2010) a “cultura da mídia passou a dominar a vida cotidiana”. A televisão, o rádio, as revistas e jornais e outras práticas culturais midiáticas estão presentes em grande parte do tempo das pessoas. A autora cita Lemert (2000) ao apontar que muitos preferem, inclusive, viver uma “realidade” mediada, narrada por outros. Nesse sentido, para crianças e jovens os assuntos dos quais falam e os desejos dos que manifestam mudam o tempo todo. Caracterizados pela urgência, a única opção parece ser a obtenção de “tudo, ao mesmo tempo, agora!” (MOMO, 2008 p. 7).

Oportunamente observamos nas narrativas dos sujeitos da pesquisa que eles percebem essa prática como um primeiro atendimento à pessoa necessitada. Nesse sentido, uma das conhecedoras de plantas, afirma que usa o remédio natural para aliviar a dor de alguém necessitado até procurar o recurso médico. Nesse panorama, encontramos na literatura, que a mesma combinação de práticas científicas e tradicionais – ir ao médico e ao curandeiro – é uma “maneira transacional de aproveitar os recursos de ambas as medicinas” revelando “uma concepção mais flexível que a do sistema médico moderno sectarizado na alopatia, e que a de muitos [...] antropólogos que idealizam a autonomia das práticas tradicionais.” Enquanto modalidades terapêuticas, para os usuários, ambas são complementares e funcionam como “repertórios de recursos a partir dos quais efetuam transações entre o saber hegemônico e popular.” (CANCLINI, 2008, p. 348).

As hibridações descritas ao longo deste livro nos levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a

cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (CANCLINI, 2008, p. 348)

Para finalizar este capítulo, citamos algumas falas dos alunos que participaram deste estudo. As narrativas são importantes para compreendermos qual o sentido da construção coletiva do documentário aqui produzido como resgate e valorização cultural para os indivíduos mais jovens dessa comunidade. Depois da captura das imagens, os participantes manifestaram satisfação em participar do trabalho:

Gostei de participar dessa oficina porque pude aprender muita coisa. Aprender mais sobre as plantas. [...] Vai ser muito bom porque vou poder passar isso para frente, para quem não pôde comparecer ao projeto. (Sujeito da pesquisa Cp 08, fala de encerramento do documentário).

No entanto, esse mesmo sujeito da pesquisa também expressa sua vontade de estabelecer outras práticas sociais e, possivelmente, viver num outro lugar. Mesmo que alguns de seus colegas reconheçam se divertirem, ou estabelecerem outros vínculos, eles podem ir ao município sede e retornarem para suas casas, especialmente pela facilidade do transporte público que faz o trajeto diariamente.

No próximo ano quero morar em Uberlândia. Já pensou eu no centro da cidade, com todas aquelas lojas? Sorveteria, lanchonete. Eu quero ir na praça Tubal Vilela todos os dias. (Fala sujeito da pesquisa Al 08 Tp, registrada no diário de campo da pesquisadora durante uma reunião de análise das atividades já desenvolvidas).

Canclini (2008, p. 285) aponta-nos que a nossa sociedade não está mais dispersa em milhares de “comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas”, mas encontra-se especialmente localizada na zona urbana, de maneira heterogênea, renovada por uma constante “interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação”. Nesse cenário, o autor afirma que “viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato”. Isso porque a insegurança pública e a impossibilidade de se conhecer toda a cidade provocam no indivíduo a necessidade de construir uma intimidade doméstica, em pequenos e seletivos encontros sociais. “Para todos, o rádio e a televisão, para alguns o computador

conectado para serviços básicos, transmitem-lhe a informação e o entretenimento a domicílio”. (p. 286).

Dessa forma, as narrativas aqui analisadas caracterizam-se como pontos de hibridação cultural. De acordo com Canclini (2008) e Wortmann (2010) compreendemos hibridação como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Esclarecemos que, na análise dos dados nosso interesse, ao propor o resgate das memórias sobre a relação que o homem estabelece com o meio ambiente e com a cultura do local onde vive, era suscitar essas memórias e identificar nas narrativas produzidas pontos que denotam traços de hibridação cultural, pois, como relata Hall (2008, p. 244) “o povo nem sempre está lá, onde sempre esteve com sua cultura intocada”. Trazemos novamente a citação de Stuart Hall para enfatizar que não existe uma cultura intocada assim como não existe uma natureza intocada.

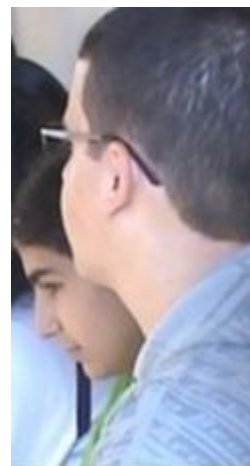
Segundo o autor, em algumas situações “nos revelamos mais pelos nossos vínculos quanto mais lutamos para nos livrar deles”. Assim como no relacionamento com os pais, “as tradições culturais nos moldam quando nos alimentam e sustentam, e também quando nos forçam a romper irrevogavelmente com elas para que possamos sobreviver” (*idem*). Hall (2002, p. 80) vai além: “embora nem sempre reconheçamos, geralmente existem os ‘vínculos’ que temos com aqueles que compartilham o mundo conosco e que são distintos de nós”.

Na análise das fotografias sobre a compreensão dos alunos acerca do meio ambiente, apresentada no capítulo anterior, as memórias são diferentes, estão mais relacionadas ao conhecimento escolar dos jovens, diferentemente das análises das narrativas construídas em torno do documentário quando evocamos as memórias dos conhecedores de plantas. No decorrer do capítulo, parece que os alunos tiveram pouca participação na construção do documentário. Porém, com um olhar mais profundo sobre os registros videográficos do documentário, percebemos que os alunos lidam com os artefatos tecnológicos de produção audiovisual, ao mesmo tempo em que estão atentos às falas dos conhecedores.

No primeiro momento da oficina de produção audiovisual, quando alguns dos conhecedores de plantas, os alunos e as professoras estavam reunidos para pensarem/refletirem/decidirem sobre a construção do documentário, são os alunos que indicam/escolhem os conhecedores de plantas que vão dar os depoimentos. Envolvem-se com as técnicas de enquadramento, captura de som e imagem, roteiro e as discutem

com os conhecedores de plantas e professores. Decidem em conjunto o que vai ser filmado. Eles operam os equipamentos, observam atentamente, atrás da câmara, as gravações. O envolvimento dos alunos com os artefatos tecnológicos mostra que a escola atual pode e deve se aproximar da linguagem oferecida por esses artefatos culturais.





CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO A PESQUISA

A escrita é uma invenção do ser humano e, nesse caso, representa a possibilidade de nós pesquisadores registrarmos nossas interpretações pessoais sobre a análise dos dados. Essa análise permite-nos uma nova leitura sobre os fatos ocorridos, mas, sobretudo possibilita construirmos os caminhos da pesquisa ao mesmo tempo em que as certezas do que já é conhecido são abaladas. Para chegar à escrita desta dissertação foi preciso nos permitir outro entendimento, pelo qual as ideias enraizadas em um diálogo pretensioso e ingênuo sobre preservação ambiental, biodiversidade e sustentabilidade foram perdendo espaço para uma discussão mais aprofundada sobre a relação dos seres humanos com a natureza e o modo pelo qual a cultura perpassa essa relação. Ou seja, as discussões sobre as questões ambientais não podem ser feitas somente sobre uma perspectiva ambiental/natural, pois é preciso considerar a relação histórico-cultural que o homem estabeleceu com a natureza.

Para Guimarães (2006, p.7) compreendemos e interagimos com a natureza de acordo com o momento histórico em que vivemos. O autor complementa que “[...] não percebemos que nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura.”

A educação ambiental proposta para essa pesquisa fundamenta-se em outro olhar, outra discussão que foge dos apontamentos do que é certo ou errado, para se embrenhar em diversas possibilidades de descobrir as pessoas que habitam a comunidade estudada, de perceber como suas tradições, costumes e histórias de vida se relacionam com a natureza. O estudo está alicerçado em outra educação ambiental, que valoriza o conhecimento popular sobre as plantas do Cerrado, que escuta e registra as falas das pessoas mais velhas – metodologia comumente empregada nas pesquisas etnográficas, mas que considera também a possibilidade de uma hibridação cultural, que respeita o tempo dessas pessoas e o tempo atual que leva a outras vontades, a outras maneiras de viver e de estar no mundo.

No convívio com a comunidade e com as leituras realizadas no transcorrer da pesquisa, passamos a refletir de que maneira essas pessoas tentam preservar e divulgar suas histórias de vida sem se esconder ou rejeitar o que o mundo atual lhes apresenta. Seja na solução rápida ou até provisória de um “chazinho”, na procura pelo serviço

médico especializado, ou ainda, na tentativa de se enquadrar nas exigências do novo Código Florestal, começamos a rever o que já se conhecia sobre essa comunidade e seus valores. Não queríamos ser mais um dentre os pesquisadores que se aproximam do distrito e de seus moradores, buscam as respostas para seus problemas de pesquisa, mas não estabelecem contato direto com a comunidade, ou desconsideram o ponto de vista dos moradores.

Dessa forma, dedicamo-nos a compreender os dados desta pesquisa, segundo os conceitos de hibridação cultural. Enfatizamos na análise a partir dessa relação homem-natureza, como os alunos estão próximos de uma relação que ressalta os aspectos naturais. Já os conhecedores, em alguns momentos, demonstram estar hibridizados e, em outros, apegados à sua tradição, portanto mais resistentes. A hibridação cultural pode ser identificada na maneira como os conhecedores de plantas falam sobre um mesmo conhecimento com estilos diferentes; ora falam para os pesquisadores ouvirem, como no levantamento etnobotânico, ora aproximam-se mais das narrativas apresentadas pela mídia sobre conhecimento popular.

O embasamento teórico desta pesquisa concentra-se em Canclini (2008) e Hall (2008) e em outros teóricos dos Estudos Culturais sobre a vertente da hibridação cultural. Compreendemos que a hibridação cultural ocorre quando tradição e modernidade se relacionam, não no sentido de uma sobrepor-se à outra, ou da primeira negar a segunda. Mas de ambas se relacionarem, estabelecendo-se como algo novo. Nesse sentido, a análise das narrativas dos conhecedores de plantas nos revela a multiplicidade de evidências de que os sujeitos desta pesquisa estão mergulhados num contexto de hibridação (ou num contexto hibridizado).

A hibridação não é uma característica estanque de uma cultura. Podemos reconhecê-la como um processo que oferece condições para que as práticas culturais antigas e tradicionais de uma comunidade interajam com as práticas sociais da atualidade. Nessa interação, é válido lembrar que a mídia exerce papel importante de controle e promoção do que será divulgado ou valorizado. No entanto, os mesmos conhecedores de plantas (Cp 02 Tp e Cp 03 Tp) que se demonstram hibridizados, quando assumem que fazem uso de seus conhecimentos sobre plantas medicinais, como um primeiro recurso até que se procure o atendimento médico, também querem preservar essa prática para repassá-la a seus netos e possíveis bisnetos. Para os conhecedores de plantas, tanto os conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, quanto aos recursos científicos, são importantes e podem ser conciliados.

Os sujeitos da pesquisa fazem isso o tempo todo. Eles rompem com as tradições, mas também querem preservar o conhecimento popular, quando querem repassá-lo a outras pessoas. Esse movimento dialético pode ser caracterizado como enfrentamento e resistência à tradição (CANCLINI, 2008; HALL, 2008; BURKER, 2010). Quando os conhecedores de plantas sabem da importância da planta, mas precisam sobreviver e, por isso, desmatam uma área para a formação de pasto ou cultivo agrícola, o capitalismo acaba adentrando para “garantir” a sobrevivência familiar. Assim, os conhecedores enfrentam suas tradições, arrendando suas terras para o plantio de monoculturas ou outras práticas econômicas. Em contrapartida, pessoas ligadas à área ambiental acreditam que as comunidades rurais, consideradas como tradicionais, deveriam manter suas relações de preservação/conservação do meio ambiente intactas, resistindo à tecnologia e não usufruindo dos recursos da modernidade.

Como a mídia tem papel fundamental na formação e disseminação da hibridação cultural, percebemos que os alunos (sujeitos da pesquisa) se interessam mais pelas histórias da conhecedora (Cp 02 Tp). Talvez, porque eles estejam conectados com a mídia; e essa senhora fala, gesticula e se expressa como vemos na mídia. Já a outra conhecedora (Cp 03 Tp) ao falar do pai quer preservar a memória dele. Fala mais séria, relembando a infância com orgulho do que viveu. Todos os conhecedores de plantas falam com veracidade e clareza, mesmo que um seja mais detalhista do que o outro e se posicione de maneira diferente diante da câmara.

Foram os processos de hibridação cultural, registrados nas narrativas do documentário “Causos do Cerrado”, que possibilitaram aos jovens perceber as forças da tradição daquela comunidade no que se refere ao conhecimento popular sobre plantas, e as transformações ocorridas: o que era antes, o que mudou, o que se manteve e como se manteve; se ocorreram processos de hibridação cultural e como esses processos ocorreram?

Consideramos que os alunos, demonstraram um conhecimento escolarizado sobre as questões ambientais, registrado nas fotografias e legendas, enquanto que os conhecedores, de maneira predominante apresentam um conhecimento hibridizado, expresso nas lembranças do passado, mas atentos às mudanças do tempo presente. O autor Peter Burkner (2010, p.18), alerta que “o preço da hibridização rápida, inclui a perda das tradições regionais e de raízes locais”. Para o autor, o hibridismo cultural ocorre como “encontros culturais múltiplos não como o resultado de um único encontro,

quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos.” (p. 31)

Desse modo, o desafio assumido pela pesquisa foi articular os saberes populares com a linguagem midiática, como a fotografia, o documentário e as videogravações. O conhecimento popular sobre plantas estabeleceu-se como ponto de partida e serviu para a imersão na comunidade estudada, registrando estes saberes, dotando-os de importância e possibilidades de recriação. A proposta de trabalho apresentada foi imprescindível para que as narrativas aflorassem, possibilitando analisar o conhecimento popular sobre plantas, as relações estabelecidas entre natureza e cultura tanto dos mais jovens quanto dos mais velhos.

Com a linguagem midiática, representada pela câmara filmadora para “quem” irá se contar uma história, ou ainda, com quem esses sujeitos irão reviver suas memórias, buscamos uma educação ambiental, que reconhece o conhecimento popular sobre as plantas do Cerrado, que escuta e registra as falas das pessoas mais velhas, que considera também a possibilidade de uma hibridação cultural, que respeita o tempo das pessoas e o tempo atual que leva a outras vontades. Portanto, de acordo com Guimarães (2009), concluímos que, com o documentário, bem como os outros artefatos midiáticos desta pesquisa, criou-se um dispositivo para discutir, no conhecimento popular sobre plantas, a relação entre natureza e cultura.



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARIONI, Eugênia Carolina; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. O que pode ser tão natural? In: SELLES, Sandra Escovedo et al. (org.). **Ensino de Biologia**: histórias, saberes e práticas formativas. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. **Todos tienen cultura**: ¿Quiénes pueden desarrollarla?, 2005. Disponível em: <<http://www.iadb.org/biz/ppt/0202405canclini.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- _____. Arte en la frontera. México: **La Jornada Semanal**. 1997. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1997/11/09/sem-canclini.html>> Acesso em: 10 nov. 2011.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em Educação Ambiental. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- _____. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.
- CERTAUI, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FAVERO, Franciele. **Fotografias urbanas**: encontro com o ambiente. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e educação: modos de construir o “outro” na cultura. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S.l.], v. 16, n. 2, jan. 2008.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento em educação. In: GHEDIN, E; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 179-208.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que eu poderia ser se fosse para outro lugar? In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. **Tecendo: educação ambiental na arena cultural**. Petrópolis, RJ: DP et alli, 2010. p. 75-81.

_____. A invenção de dispositivos pedagógicos indagativos sobre o ambiente. In: **CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA PESQUISA INTERCULTURAL** (12). *Anais*. Florianópolis, 2009. v. 1, p. 01-13.

_____. **A natureza na arena cultural**. 2006. Disponível em: <www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4517> Acesso em: 06 jan. 2012.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 8. ed. Campinas-SP: Papirus, 1995.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KRELLING, Aline Gevaerd. Entre encontros e fabulações: outras possibilidades de experienciar o mundo. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. **Tecendo: educação ambiental na arena cultural**. Petrópolis, RJ: DP et alli, 2010. p. 106-114

KRELLING, Aline Gevaerd; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ARRUDA, Vera Lúcia Vaz de. Tecendo encontros e experiências através da educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado e Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 24, jan-jul. 2010. p. 86-103.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, Regina; VAZ, Arnaldo. Educação Ambiental no ensino formal: narrativas de professores sobre suas experiências e perspectivas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p.395-411, dez. 2009.

MEYER, Mônica. **Sertão natureza: a natureza em Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MOMO, Mariângela. Mídia e Consumo na produção da infância pós-moderna. **Revista de Estudos Universitários: Pós- modernismo**, Sorocaba, Uniso, v. 36, n. 1, p. 67-87 jun. 2010.

_____. Tudo, ao mesmo tempo, agora! A vida urgente das crianças contemporâneas. **A Página da Educação**, Portugal, ano XVII, n. 175, p. 7, fev. 2008.

OLIVEIRA, Taíce G. **O conhecimento dos usos de plantas do bioma Cerrado nos distritos de Tapuira e Miraporanga, Uberlândia, MG**. 32 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

SALGADO, Gabriele Nigra. **Educação Ambiental e Foto-dispositivo: outras imagens do sertão do Peri**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Tem alguma utilidade estudar a utilidade dos seres vivos? In: _____. **Biologia dentro e fora da escola: meio ambiente, estudos culturais e outras questões**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos II: outros métodos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 117-138.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Encontros interculturais, hibridações e pós-modernidade. **Revista de Estudos Universitários: Pós- modernismo**, Sorocaba, Uniso, v. 36, n.1, p. 67-87, jun. 2010.

_____. Análise culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas**. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

WUNDER, Alik; DIAS, Susana. Deslizes pelas superfícies do acontecimento fotográfico. **Revista de Estudos Universitários: Pós-modernismo**. Sorocaba, Uniso, v. 36, n.1, p.157-174, jun. 2010.

WUNDER, Alik et al. A educação ambiental: entornos pós-modernos. **Pesquisa em Educação Ambiental**. São Carlos, Ribeirão Preto, Rio Claro, v. 2, n. 2, p. 67-68, 2007.

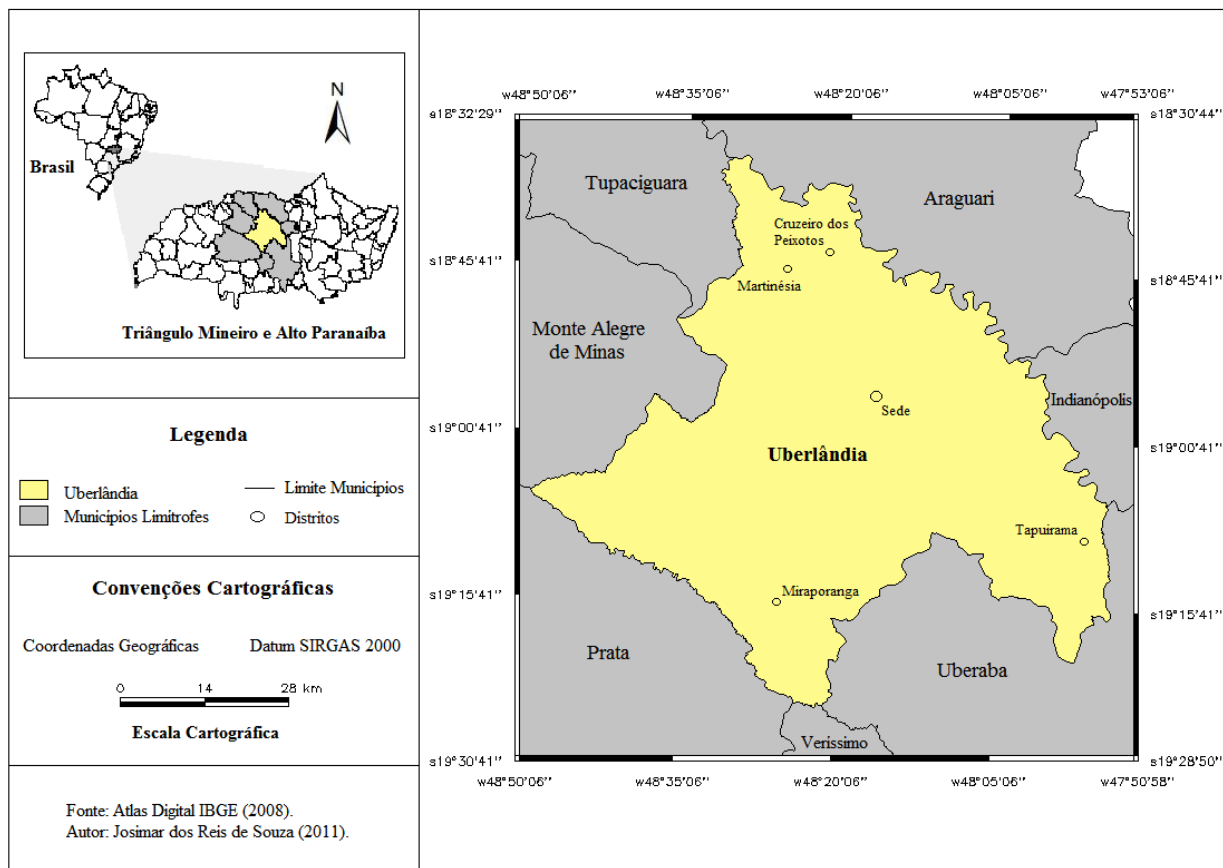
CRÉDITOS DAS IMAGENS

- p. 15: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 24: imagens registradas durante a oficina de produção coletiva do documentário.
- p. 37: fotografia registrada pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 40: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 42: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 43-45: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 47-50: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 51-52: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica (editadas pela pesquisadora).
- p. 53-55: fotografias registradas pelos alunos, durante a saída fotográfica.
- p. 56: imagens registradas durante as gravações para o documentário (editadas pela pesquisadora).
- p. 61: imagens registradas durante as gravações para o documentário (editadas pela pesquisadora).
- p. 67: imagens registradas durante as gravações para o documentário (editadas pela pesquisadora).
- p. 72: imagens registradas durante as gravações para o documentário (editadas pela pesquisadora).
- p. 81-82: imagens registradas durante as gravações para o documentário.
- p. 86: fotografia registrada pelos alunos, durante a saída fotográfica.

ANEXOS

Anexo 1

Mapa de localização, Distrito de Tapuirama- Uberlândia/ MG



Anexo 2

Oficina pedagógica: Saída fotográfica¹⁰

1º encontro	Data: 19/03/10
Comunidade: Tapuیرama	Local: escola municipal
Pesquisadores: Aline, Gustavo, Inez, Ludmila e Thaís.	
Sujeitos de Pesquisa: Amanda, Ana Carolina, Cíntia, Edvânia, Geovana, João Paulo, Júlia, Leonardo, Natália Aparecida, Natália Cristina, Nathane, Rafaela, Rayane e Verônica.	
Objetivo/proposta: Apresentação do trabalho de pesquisa Saída fotográfica Iniciar as discussões sobre a questão ambiental utilizando recursos midiáticos e imagéticos (imagens e fotografias)	
Registros: 1º) Inez esclarece aos alunos quanto à responsabilidade individual de cada um no desenvolvimento das atividades do projeto. E ainda, explica porque não está na escola como professora de Ciências, devido à sua dedicação ao mestrado. 2º) Esclarecemos que as atividades dessa oficina fazem parte do desenvolvimento do projeto: “ <i>A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a Educação Ambiental de jovens e crianças</i> ”. 3º) Iniciamos as atividades mostrando aos alunos um detalhe da imagem do Cristo Redentor (Rio de Janeiro). Este foi um momento de participação e descontração de toda a turma. Com essa imagem pretendíamos questionar os alunos quanto à percepção dos detalhes, de uma imagem (paisagem) conhecida mundialmente, devido à divulgação ampla da mídia. Muitos de nós, mesmo sem ter ido à capital carioca conhecemos e nos identificamos com essa imagem. No entanto, não temos um olhar atento aos detalhes. Quando nos é apresentado um recorte dessa imagem, temos dificuldade de reconhecê-la por inteiro. 4º) Em seguida, propomos aos alunos a saída fotográfica. Muitos alunos demonstraram interesse e curiosidade em relação à atividade. Os alunos foram organizados em pequenos grupos e acompanhados por monitores (integrantes do grupo de pesquisa) saíram às ruas do distrito para capturar as imagens. 5º) Como motivação para os grupos, explicamos que os mesmos deveriam responder por meio da fotografia o que o meio ambiente representa para eles.	
Relatos: No início da atividade, alguns alunos demonstraram ser mais dependentes da opinião dos pesquisadores. Especialmente da opinião da Inez, que ainda era vista como a “professora de ciências”, ou seja, alguém que sabe e deve apontar o que está certo ou errado. Depois de algumas fotos eles entenderam que não havia certo ou errado, mas que eles poderiam registrar as imagens que desejassem. Foi possível identificar alguns alunos que insistiram com os colegas que nas ruas havia pouco a ser fotografado, capaz de representar o meio ambiente.	
Descrição do dia/ambiente: Essa atividade foi desenvolvida na sexta-feira, numa tarde ensolarada do mês de março. Mesmo com o cansaço e o calor intenso os alunos se empenharam no desenvolvimento da atividade.	

¹⁰ Transcrição conforme anotações do caderno de campo da pesquisadora.

Observações importantes:

O apoio e a motivação da diretora da Escola (Suzi) foi importante para o desenvolvimento das atividades dessa oficina.

2º encontro	Data: 26/03/10
Comunidade: Tapuirama	Local: escola municipal
Pesquisadores: Aline, Gustavo, Inez e Ludmila	
Sujeitos de Pesquisa: Ana Carolina, Cíntia, Edvânia, Geovana, João Paulo, Júlia, Leonardo, Mickaela, Natália Aparecida, Natália Cristina, Rayane e Verônica.	
Objetivo/proposta: Confeção de legendas para as fotos escolhidas pelos alunos. Verificar como os alunos percebem o meio ambiente. Identificar, na visão dos alunos, quais elementos podem ser incluídos na ideia de meio ambiente.	
Registros: 1º) O espaço da sala de aula, onde nos reuníamos foi organizado para que os alunos ficassem de frente para seus colegas para motivar a discussão entre eles, durante a elaboração das legendas. A <u>motivação</u> para a criação das legendas foi “ Por que vocês tiraram essa foto?” “Por que ela está representando o meio ambiente?” 2º) Em seguida, os alunos apresentaram suas fotos e explicaram porque haviam escolhido aquela imagem. Nesse momento, cada um deveria apresentar uma foto sua e outra de seu colega. 3º) Perguntamos aos alunos se as fotos mudaram a visão do Meio Ambiente que eles tinham? 4º) Combinamos que para o próximo encontro, eles deveriam elaborar um texto sobre as atividades desses dois primeiros encontros.	
Relatos: Ao apresentarem as fotos com suas respectivas legendas os alunos demonstram em alguns casos uma visão utilitarista do meio ambiente. Citando, por exemplo, uma árvore frondosa como sendo interessante ao ser humano devido à sombra e ao abrigo que ela oferece. Ou pelo fato, da importância das plantas na purificação do ar atmosférico. Alguns alunos demonstraram interesse nas relações interespecíficas que ocorrem no meio ambiente, especialmente quanto à questão de oferta e procura por alimento, bem como a dispersão de sementes ou pólen para a reprodução. Outros alunos relataram a beleza, as cores e o perfume das flores, das árvores e de outros elementos naturais presentes no distrito. Destacando a praça central do distrito com suas árvores e reforçando a ideia de que na cidade nem sempre encontramos uma paisagem como aquela. De maneira diferenciada, outros alunos retrataram a visão do todo como representação de meio ambiente. Ou seja, eles registraram não só alguns detalhes do que compreendem como meio ambiente, mas destacaram que o meio ambiente é um conjunto de elementos incluindo os elementos artificiais e/ou antrópicos. Nesse sentido, alguns alunos identificaram os impactos ambientais causados pela ação humana, como por exemplo, a agricultura que pode provocar a destruição e modificação da natureza. Foi identificado por outro aluno a representação da diversidade ambiental e como esses elementos devem interagir entre si.	
Descrição do dia/ambiente: Era uma sexta-feira à tarde. O dia estava ensolarado.	

Observações importantes:

Alguns alunos faltaram, pois foram viajar com suas famílias. No entanto, tivemos a presença de outra aluna que escutou os comentários sobre as atividades do primeiro encontro dessa oficina.

Anexo 3
Oficina pedagógica: Produção audiovisual como resgate do conhecimento popular sobre plantas¹¹

1º dia	Data: 03/05/10
Comunidade: Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos	Local: Universidade Federal de Uberlândia
Pesquisadores: Aline, Gustavo, Inez e Lúcia.	
Sujeitos de Pesquisa: Tapuirama: (alunos) Ana Carolina, Amanda, Geovana, Júlia, Leonardo, Natália Aparecida, Natália Cristina e Rafaela. / (representantes da escola) Marli e Suzi/ (conhecedores de plantas) D. Odete, S. Gerson e S. Jeová. (Cruzeiro dos Peixotos) José Reginaldo, Lucas e Pâmela.	
Objetivo/proposta: Aprofundar o envolvimento dos alunos, representantes da escola, conhecedores de plantas e pesquisadores quanto à valorização da cultura e das histórias dessas localidades. Trabalhar algumas técnicas de captura de imagens e conceitos importantes da área de cinema.	
Registros: 1º) Iniciamos a oficina com uma apresentação rápida de algumas imagens fotográficas dos distritos. Em seguida a Lúcia comentou sobre o projeto e apresentou o Djalma como o pesquisador que assumirá as atividades dessa oficina. 2º) No início os participantes, especialmente os alunos, se mostram um pouco tímidos, mas depois se empenharam nas atividades propostas pelo Djalma. 3º) Durante toda a oficina capturamos imagens audiovisuais e fotográficas para nos auxiliar na análise dos dados.	
Relatos: O Djalma inicia dizendo que vendo essas imagens mostradas na abertura dessa oficina, sente-se motivado a realizar um bom trabalho na construção de um audiovisual sobre o conhecimento popular e de que forma o mesmo tem sido repassado às novas gerações. Ele pergunta para os sujeitos da pesquisa porque eles acham que devemos construir um documentário sobre as comunidades onde eles vivem? Um dos alunos diz que devemos filmar o distrito onde mora, pois lá é bonito e tem muito a ser registrado. Segundo esse aluno o grupo tem muitas ideias a respeito. Outra aluna, afirma que estava esperando por esse trabalho. Uma das conhecedoras de plantas afirma estar contente com a oportunidade.	
Descrição do dia/ambiente: Reunimo-nos numa segunda-feira à tarde no espaço da PROEX-Campus Santa Mônica.	
Observações importantes: Durante essa oficina contamos com a colaboração de alguns pesquisadores convidados do INBIO, professores da FACED e alunos e funcionários da PROEX. Essa oficina foi desenvolvida em conjunto com as comunidades dos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama. No entanto, nesta pesquisa somente nos interessam os dados referentes a Tapuirama. A oficina foi ministrada por um profissional da área de cinema, da Universidade Federal de São Carlos: Djalma Ribeiro Júnior.	

¹¹ Transcrição conforme anotações do caderno de campo da pesquisadora e as imagens realizadas durante essa oficina.

Mesmo com o transporte para os moradores dos dois distritos faltaram alguns alunos e conhecedores de plantas que haviam se comprometido a participar.

2º dia	Data: 04/05/10
Comunidade: Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos	Local: Universidade Federal de Uberlândia
Pesquisadores: Aline, Gustavo, Inez e Lúcia.	
Sujeitos de Pesquisa: Tapuirama: (alunos) Ana Carolina, Amanda, Geovana, Júlia, Leonardo, Natália Aparecida, Natália Cristina e Rafaela. / (representantes da escola) Marli e Suzi/ (conhecedores de plantas) D. Odete, S. Gerson e S. Jeová. (Cruzeiro dos Peixotos) José Reginaldo, Lucas e Pâmela.	
Objetivo/proposta: Definir o roteiro, as pessoas (conhecedores de plantas ou moradores importantes dos distritos) e os locais a serem filmados. Treinar com os alunos algumas técnicas de filmagens.	
Registros: 1º) As atividades são iniciadas com o Djalma que comenta sobre o fato desse trabalho ser um processo coletivo e elaborado a partir da percepção dos sujeitos da pesquisa sobre o tema. 2º) Os participantes receberam um conjunto com várias figurinhas para, em grupo, criarem uma história utilizando essas imagens. Em seguida, foi feita a apresentação das histórias de cada grupo. 3º) A próxima atividade foi a elaboração coletiva do roteiro. Os participantes foram incentivados a escolherem as pessoas que gostariam que aparecessem no documentário, os locais a serem filmados, as histórias e serem contadas, dentre outros.	
Descrição do dia/ambiente: Continuamos reunidos no espaço da PROEX-Campus Santa Mônica.	
Observações importantes: No segundo dia da oficina a participação dos alunos foi mais intensa.	

Anexo 4

Transcrição das falas do documentário: Causos do Cerrado¹²

Abertura:

O documentário inicia ao som da viola, tocada pelo S. Paulo (Cruzeiro dos Peixotos), trazendo uma sequência de imagens das duas localidades. Além de paisagens do bioma Cerrado, o filme traz imagens das escolas municipais (José Marra da Fonseca – em Cruzeiro dos Peixotos, e Sebastião Rangel – em Tapuirama) e de alguns locais específicos como a Praça da Igreja Nossa Senhora da Abadia (Tapuirama) e a quadra de esportes, localizada na praça central de Cruzeiro dos Peixotos. Outra imagem da abertura é um *flamboyant* florido (plantado na Praça da Igreja de Nossa Senhora da Abadia em Tapuirama).

Em seguida, começam os depoimentos dos sujeitos da pesquisa. É importante esclarecer que na edição das filmagens foi preservado o som ambiente.

00min.45s (Seu Gerson)

Cenário: Varanda da casa desse conhecedor. Ele está sentado em um banco de madeira, à frente de um pequeno pedaço do quintal da casa.

Características do depoente: Ele veste uma camisa clara de manga curta; e fala com clareza, sobre como era o distrito antigamente. Ao falar gesticula e mantém uma voz calma e precisa.

Depoimento: Sobre o distrito, o distrito que a gente possa conhecer, eu conheço a mais de uns 50 anos, tem mais, mas que a gente conhece mais é 50 anos. 50 anos digamos atrás teve uma mudança muito grande, porque era um lugarejo de poucas pessoas, de poucos até recurso. Existia farmacêutico, existia a gente fala assim, um supermercado, *nós falava* era “venda”. Tinha umas “venda” e as coisas vinha de transporte de Uberlândia como vem hoje, era uma vez assim duas vezes por semana, as pessoas fazia o *munimento* dos *seus armazém* e as pessoas iam comprando. O pessoal tinha uma loja, duas loja e as pessoas traziam os tecidos, né e ia repassando pras pessoas, nessas épocas as pessoas comprava, seja na “venda”, no armazém que nós falamos, ou seja na loja pra pagar no outro ano, comprava hoje e daqui um ano eu vou pagá e pagava, Graças à Deus pagava. E Tapuirama também era muito poucas casa, às vezes um quarteirão tinha quatro casas, meu filho agora o mais velho pergunto: Quantas mais ou menos o senhor *ficô* lembrando aqui em Tapuirama, ah meu filho era muito pouca casa que tinha Tapuirama, às vezes como eu disse agora um quarteirão tinha quatro casa às vezes, imenso assim, hoje já tá povoando mais, hoje muita gente *tá* construindo dentro do terreno, né, tá sobrando terreno. E hoje como a tecnologia *mudô, mudô* as *prantações*, vamos falar assim, hoje tem o milho, tem a soja, veio as plantações de madeiras, *calipto*, pino, hoje temos a cana, né e tá *curtizando* essas outras plantações, então as firmas foi e *acampô* e pegô esse pessoal, né e hoje esse pessoal *vamô* falá que mexe com lavoura gasta muito pouca gente, é muito *poquinho*. Tem pessoas que têm lavoura grande pega mais, mas quem tem pequena é poucas pessoas, porque o maquinário faz tudo, num tem mais serviço braçal, então o povo saiu pro *Berlândia* pra *trabaiá*, quem

¹² A transcrição das falas desse documentário foi realizada na íntegra, mas para essa pesquisa nos interessa, a princípio, apenas os dados referentes ao distrito de Tapuirama. Durante a escrita das falas tentamos preservar ao máximo o modo como as palavras foram ditas. Essa transcrição foi apresentada ao Festival de Cinema Ambiental (FICA) de 2011, como requisito para a análise do documentário em comissão julgadora de documentários e filmes sobre questões ambientais, realizado na cidade de Goiás Velho, GO.

num pôs um *cumércio*, *trabaia* de funcionário, onde que ficô, onde que tá hoje, né. E todo mundo tá atrás do seu emprego, tanto faz homens como mulheres, né.

04min. 31s (Dona Ormezinda)

Cenário: Varanda da casa dessa conhecedora. Ela está sentada na mureta que separa a casa do quintal. Atrás da conhecedora tem um arbusto, que compõe o fundo de cena.

Características do depoente: Ela veste um vestido de manga curta, verde, com margaridas brancas. Na gola do vestido dependura um molho de chaves. Usa óculos, presos por uma corrente delicada. Ao falar sobre a história do distrito, ela fala com clareza e gesticula como querendo mostrar os detalhes do que está sendo contado.

Depoimento: Uai eles andaram e procuraram, pra procurar, e procuraram o lugar e *achô*, né que aqui o pessoal Cláudio, Fernandes, Souza *todos esses pessoal* que *juntô* as família, que era quase tudo parente, né, e fizeram, fez o cruzeiro e *colocô* lá em cima em frente a igreja. Mas já fez ele atrás da igreja, agora depois disso já fez uns três cruzeiro já e colocaram lá, porque ele estraga e eles pega e faz outro, né. Foi aí que *começô* as casa, fazer as casa e a igreja. A igreja era *baxinha*, precisa de vê, eu lembro dela, era de *ssoalho* aquele *ssoalho* de ripa larga, eu lembro muito dela, fui crismada, fui batizada e crismada lá nela, aí depois *dismanchô* e fez essa.

04min. 29s (Seu Paulo)

Cenário: Frente da casa desse conhecedor. Ele está sentado em um tamborete. Como fundo de cena vemos um arreio e outros apetrechos para montar a cavalo, além de uma geladeira.

Características do depoente: Ele está com uma camisa clara de manga curta, sentado em um banco de madeira, à frente de um pequeno pedaço do quintal da casa. Fala com clareza, sobre como era o distrito antigamente. Ao falar gesticula e mantém uma voz calma e precisa.

Depoimento: Nascido e criado na fazenda, na fazenda que *nóis* foi criado, *nóis morô* num rancho muitos ano sem parede, muitos ano, porque não tinha com o que *fazê* parede, *nói* morava e num tinha muito medo de nada, *nóis* era muito costumado no mato. *Morô* muitos ano, aí o patrão foi *veno* aquilo, o patrão não, lá *nóis* morava por nossa conta, era um pessoal muito *bão* o pessoal do Zanata ali do Quilombo. Aí foi indo ele fez pra *nóis* uma casa de taba, com teia comum, *ceis* sabe o que é teia comum? Aquela teia igual a um casco de tatu, assim, teia de barro, não é igual a de hoje não. Ai *nói* lá *nóis* foi *aprendeno* muita coisa *nas fazenda*, *nóis* faz 30 ano que eu moro aqui agora. Eu vim pra dar estudo pros meu *minino*, eles *ficô* tudo adulto, foi tudo embora e eu fiquei aqui.

05min. 25s (Profª Lucia): Eles foram embora tudo?

Observação: A pesquisadora não aparece

05min. 27s (Seu Paulo): Foram pro *Berlândia*, fiquei aí, fiquei *queto* eu gosto mais daqui.

05min. 30s (seu Gerson): *Nóis* estudamos em casa o pouco que *nóis* que aprendeu era professor particular, num estudamos aí numa escola estadual nem municipal não, municipal nem estadual, era professor e a gente, né. Aí o pai da gente pagava lá o professor *vamo* falá um ano depois o professor ia e vinha outro, né, então era assim em casa que *nóis* estudava. Num saímos assim, num tivemos notas assim como de professor não. A gente estudava até uma 4ª série. Ah! Brincava, *nói* brincava muito assim tinha montava em bezerro assim, *brincadera* de bezerro montava em animal, brincava com os

carneiro de carrim, tinha *carrim* né *cangava* os *carneiro* puxava o *carrim*, *nóis* punha lenha puxava lenha, né, era uma *brincadera* assim até *ajudano* em casa. Ih! Mais pro *cavalo*, *brincadera* assim, gangorra *nas árvore* nos arvoredos. E passava o ano lá, lá por vez em quando a gente vinha aqui em Tapuira assisti uma festa, a festa tradicional é a festa de Nossa Senhora da Abadia depois tinha a festa de começo do ano tinha festa de São Sebastião que era *feverero*, mês de maio tinha festa de Nossa Senhora da Aparecida e assim por aí ficava lá na roça.

06min. 59s (Dona Nega):

Cenário: Quintal da casa da conhecedora. Ela está sentada em um tamborete, à frente de um fogão à lenha. No fundo de cena, destaca-se um vaso de orquídea lilás e outros vasos de plantas, como cacto e orquídea sem flor.

Características do depoente: Ela veste uma blusa branca e calça vermelha. Usa óculos e o cabelo está preso. Durante o depoimento, altera o tom de voz e a expressão fácil – ora sorrindo, ora um pouco mais séria – como se quisesse nos chamar a atenção para a história contada.

Depoimento: Eu uso muito remédio de pranta pra *fazê chá pros pequininho* faço pros adulto quando vem me pedi me *perguntá* se aquilo ali é *bão*, faz um chá pra mim faz esse pra mim, então a gente fazemos, entendeu. Então eu uso muito o alecrim, eu uso o funcho, o *puejo*, o hortelã, o levante, o *barsámo*, a *gingibre*, tudo a gente usa pra chá. A *gingibre* até na comida você coloca, né *cê* sabe disso aí e tem o funcho que ele é muito *dispectorante* pra a gripe, a pessoa que tá gripada faz um chá de funcho à noite e toma até pode ir no médico, né porque hoje em dia a medicina tá muito evoluída, mas a gente foi criado com os chá, então da maneira como a gente vai sendo criado a gente procura passa pros jovem algumas mãe que tem o *primero* bebê que o bebê tá *chorano*, o bebê não quê mamá, num quê dá sussego a mãe vem e dá um *chazim* Dona Nega até eu leva lá no médico, no pediatra, então eu do o *chazim*.

08min. 10s (Dona Odete):

Cenário: Varanda da casa dessa conhecedora. Ela está sentada em um banco de madeira, à frente de um pequeno pedaço do quintal da casa.

Características do depoente: Ela fala com clareza, mantendo uma voz calma. Ao nos mostrar uma de suas plantas ou nos contar sobre seu pai fala sorrindo. Ela veste uma blusa de manga, na cor rosa, com um pequeno bordado no decote. Usa óculos, além de brincos e um colar delicado.

Depoimento: Isso a gente num vê porque a gente já acostumada, né a gente nem sente esse trabalho. Eu me sinto feliz quando eu planto uma flor que ela dá a primeira flor eu acho a coisa mais linda, eu gosto.

08min. 24s (Profª Lucia): Quantas vezes a senhora vêm aqui? Toda hora?

08min. 25s (Dona Odete): Toda hora. Igual tem uma flor ali que é diferente aquela branca lá, aquela verdinha lá branca lá, eu plantei ela adorei, gostei a primeira vez que ela *tá* dando flor, eu amo ela, todo dia eu vejo *cê* é linda flor eu falo pra ela, né, então é assim. Cultivo, gosto de cultivá e cultivá *cê* tem que mexê com a terra sempre, tem que pôr um *esterquinho*, né eu não gosto de pôr adubo, porque as vez o adubo pode também dá química no quintal alguma coisa, eu gosto das coisa tudo natural mesmo, então eu ponho um esterco, ponho um, mexo com a terra, as vez a planta vai ficando velha num lugar a gente tira ela daquele lugar põe no outro, vê o lugar que ela adapta mais, né, porque tem uma planta que gosta mais de sombra *otra* gosta mais de sol, tem a época

dela dá, então a gente tem que *tá* tendo esses cuidados também. Eu consigo muda com os vizinhos quando eu não consigo muda eu compro a muda, eu planto e vô cultivando ela. Eu nunca deixei, nunca quis *dexar* de ficá sem, sempre eu gosto de cultivá essa coisas mais antiga igual a cana-do-reno eu tinha uma moita grande lá no outro quintal que a gente tem outro quintal ali, né, porque hoje quase ninguém num conhece a cana-do-reno e a cana-do-reno ela faz trabalho artesanal que é pra *tiar* pra fazer as canelinhas, né de enrolar os fiados nela, né, os novelo e também a folha dela serve também pra banho pro cabelo, é muito *bão* pra quem tem queda de cabelo. Então eu gosto de cultiva que tem os neto, vem daqui uns tempo chega os bisneto e eu queria não deixá isso acabá pra passá pra frente pra eles, né.

10min. 21s (Seu Benedito):

Cenário: Ele está sentado e encostado na parede externa da Igreja de Santo Antônio, que fica na frente da sua casa.

Características do depoente: Ele está com camisa de mangas longas, dobradas, e calça no tom de azul e cinza. Usa um chapéu de palha. Durante a gravação de seu depoimento quase não olha para a câmara. Traz consigo uma sacola de plástico de onde tira algumas folhas, sementes e pequenos ramos que utiliza no tratamento de algumas doenças.

Depoimento: Tem essas semente aqui que vê? *chera*, isso aqui chama emburana.

10min. 27s (Profª Lucia): Como que chama?

10min. 28s (Seu Benedito): Emburana. Eu faço um pó, isso aí eu já torrei ela, aí eu faço o pó e põe *acanfore* e *otras* coisas mais, né, pó de café, pó de fumo, mas eu não gosto de pó de fumo não.

10min. 47s (Profª Lucia): E essa também não é daqui do Cerrado?

10min. 49s (Seu Benedito): É. Aqui ali embaixo tem uma árvore ela dá muita fruta, todo eu colho igual o ano passado não deu não eu fui lá catei umas sementinha *poquinho*, aí você põe carapia, uma raiz que dá no Cerrado no mato. Aí *cê* torra ela e põe junto, põe *munilha*.

11min. 09s (Profª Lucia): E pra que que serve? Pra que que é boa?

11min. 10 s (Seu Benedito): Dor de cabeça, *sinosite* tudo é *bão* pra isso aí.

11min. 16s (Profª Lucia): O senhor tem bastante coisa pra dor de cabeça. Essa daí qual que é?

11min. 22s (Seu Benedito): Isso aqui tudo é fruta que tem em casa, isso aqui é pra pessoa que tem chaga, pra coluna, pra *vêi* que tem *pobrema* de próstata, diabético pra tudo isso é *bão* isso aqui. Isso aqui da uma fruta assim.

11min. 40 s (Profª Lucia): Como que chama essa?

11min. 42s (Seu Benedito): Deixa eu lembrá o nome, é *coriola* isso aqui é uma beleza pra quem tem chagas.

11min. 56s (Profª Lucia): E essa tem aqui?

11min. 57s (Seu Benedito): Não. Isso aqui eu *troxe* lá do Miranda, lá tem uma chácara, meu filho tem uma chácara lá.

12min. 02s (Entrevistadora): Mas é daqui do Cerrado?

12min. 05s (Seu Benedito): Não. Esse é de casa, planta em casa.

12min. 07s (Prof^a Lucia) Planta em casa, não acha no mato não?

12min. 09s (Seu Benedito): Não. Isso aqui é uma beleza, *cê* planta a semente, a muda.

12min. 21s (Prof^a Lucia): Posso levar uma?

12min. 22s (Seu Benedito): Pode. Faz chá e bebe, pode levar aí o tanto que *cê* quiser, porque essa daqui *ficô* com ciúme porque a luz *quemô* ela. Isso aqui é outro remédio *bão* mais pra mulher, isso aqui é o pé de perdiz, já ouviu fala do pé de perdiz?

12min. 38s (Prof^a. Lucia): Perdiz já, já ouvi falar.

12min. 40s (Seu Benedito): Lá nos campo no Miranda tem muito dele, um dia fui lá e *ranquei*. Isso aqui é outra qualidade de remédio, isso aqui chama *articum ferruge*, isso aqui é próprio *pro rins fazê* chá *pro rim*.

13min. 01s (Seu Paulo): Uai a gente aprendeu *arguma* coisa com a minha mãe né, minha mãe sempre deu remédio pras criança e pra todo mundo, *pra gente adulto*, então a gente foi aprendendo com ela alguma coisa, esses chá de casa. *Incrusive* quando eu machucava uma pessoa ela fazia uns... ela fazia aqueles banhos, sabe pra banhar a gente foi aprendendo remédio, muito remédio a gente sabe um pouco. E *nóis* foi criado na fazenda no mato né e *nóis* sabe um pouco de coisa.

13min. 35s (Dona Nega): *Eles vêm* procurar mais é assim, é um chá, é um remédio pra dor de barriga de *pequinhinho*, é um remédio pra curar o *imbigo* que não tá cicatrizando, eles vêm procurar e eu passo o remedinho. Na hora eu ponho no umbiguinho do neném e ele graças a Deus, saí bem, *aqueles que tem pobrema* de bronquite que o médico passa remédio, passa remédio, não cura, tá é gastando com remédio, eles vem e eu faço o remedinho, eles dá o xaropinho e a criança sara a bronquite, então é isso aí, é dessa maneira que vem me pedir ajuda sabe? E eu não tenho como falar não (risos), é isso aí.

14min. 25s (Seu Gerson): Aroeira é uma madeira que é mais destacada assim, pra nós, na região, ela serve pra... anteriormente era esteio de casa de morada, primeiro fincava os quatro esteio depois fazia o madeiramento colocava o telhado depois que fazia as parede, as *vez* a casa era assoalhada, tinha que *assoalhá* primeiro e *fazê* as parede em riba do telhado, com o assoalho pronto. Aroeira é uma madeira muito especial pra essas coisas, é *adurável*, adura séculos as *vez*, ou mais.

15min. 02s (Dona Ormezinda): Cerrado dá muita aroeira branca aquelas *aroeirona* vermelha que dá, dá mais é só na cultura... É, pega e tira aquela casca grossa e tira aquela madeira branca na a lasca branca né, põe na água e toma é uma beleza, pra muita coisa, pra fraqueza, pra anemia.

15min. 29s (Seu Paulo): *Nóis cunhecia* muito né, tem o barbatimão *memo pra fazê*, curar ferida de criação, pode por em gente também, cura gente também, tem *pobrema* não, pode tomar.

15min. 42s (Prof^a. Lucia): E o barbatimão tem muito por aqui?

15min. 43s (Seu Paulo): Num tem quase, o povo foi tirando muito, foi morrendo, tem pouco agora quase num tem. Então *nois*, a gente foi aprendendo muita coisa na roça que *nois* num tinha muita condição de ir pro Uberlândia, pra cidade né é difícil, aí *nois aprendemo* aí. Num é que *nois* morre cedo porque minha mãe e meu pai morreu tudo véio demais (risos).

16min 06s (Dona Nega): Aí saiu os ponto, ficou só os de dentro aí pus no *argodãozim* pus num guardanapo e levei pra ele, eu cheguei lá quando ele olhou meu nariz, ele virou e falou assim pra mim: Dona Nega, a senhora não existe! Eu falei: Por quê, Dr. Marcos? Ele falou assim: E esse nariz da senhora? Que que a senhora fez com esse nariz? O que que ela fez Seu Feliciano? Aí falei: Agora eu vou te mostrar doutor, eu tava ruim demais, mas eu num faço nada escondido, jamais eu escondo as coisas do ser humano, aqui ó, essa casquinha de pau aqui ó. Eu *tava* ruim demais e o remédio que o senhor passou pra mim, a pomada que o senhor passou pra mim não *tava* valendo nada, então eu fui e passei esse remédio. Ele foi e falou assim: Que pau é esse Dona Nega? Eu falei assim: Isso chama barbatimão (risos) E ele falou assim: Aí eu vou fazer todo tipo de plástica e vou mandar pra senhora, pra senhora fazer o curativo, brincando comigo, sabe (risos) eu falei: pode, pode mandar. Mas eu vou te falar uma verdade, foi o que me aliviou. Aí ele olhou meu nariz e falou: De três em três meses a senhora tem que vir aqui. E eu fui só duas vezes, eu fui, e ele falou: Vai embora, vai trabalhar mulher custosa, *cê* num tem nada não (risos). E *tô* aqui, graças a Deus né, então eu tenho fé com o remédio da farmácia, mas eu tenho remédio de casa que eu tenho fé demais também, então eu fico assim, entre a cruz e a espada, sabe? Outra coisa, jamais, não sei qual é a religião de vocês, mas jamais, *quarquer* um ramo que eu for *panhar* ali pra mim fazer um chá eu falo assim: Nossa senhora, abençoa esse chá pra esse ser humano que vai tomar porque ele tá necessitando de uma ajuda, e a única ajuda que eu posso dar pra esse ser humano agora é esse chazinho, então você desce a sua benção aqui e pronto.

18min.06s (Dona Odete): Meu avô foi benzedor, foi raizeiro, ele fazia garrafada, então isso a gente foi guardando pra gente e foi aprendendo e foi vendo que isso também dá resultado pra gente né? Um quintal você ter as coisas... Eu gosto muito de cultivar, as plantas, é remédio pra fazer chá, é, flores eu gosto de plantar, então tudo que eu vejo assim, de remédio, de flores diferentes eu gosto de plantar. Meu pai benzia de ofendido de cobra as pessoas é, ofendia, cobra ofendia as pessoas ele benzia sarava, quando a pessoa não ia escapar ele sabia. É porque tem lugar que a cobra ofende se pegar uma veia dependendo daquela veia, aí o veneno entra no sangue e não escapa, aí meu pai sabia. Ele pegava um ramo lá no mato, é uma fruta, igualzinho cabeça de cobra, tinha até os dentinhos assim, eu tinha uma aí guardada até poucos tempos eu num sei cadê, o que que foi feito dela. Ele fazia o chazinho e dava pra pessoa tomar, passava as dietas, os repousos, que que a pessoa tinha que fazer, e sarava.

19min. 24s (Prof^a. Lucia): E a senhora ficava acompanhando tudo isso?

19min. 25s (Dona Odete): Ficava e eu não aprendi a benzer de ofendido de cobra, porque... É de ofendido de cobra e de dor de dente, eu não aprendi, ficou faltando essa, que eu aprendi benzer de cobreiro né, estancar sangue, é, peito azangado, essas eu aprendi, e ele falava pra mim: Olha uma hora eu vou te ensinar porque a gente é mortal e uma hora a gente morre, aí fica sem saber as pessoas, aí eu quero passar pra frente eu não quero deixá isso acabar. E deu que ele faleceu de repente, e não teve como eu aprender. Ficou... eu perdi essa, porque ele benzia era com palavras só ele, ele num benzia de voz alta, mas parece que é assim, é uma maneira da gente ajudar as pessoas, quando num tem um recurso né, até você chegar no recurso, aí é uma maneira do cê ajudar assim, numa coisa, no natural, coisas naturais, você num usa remédio, num usa química nenhuma, e você tá ajudando alguém né.

20min. 44s (Dona Ormezinda): E tinha o pé de chuchu em cima da cerca de arame né, e ele subiu na escada e vá com a mãozinha lá pega folha, pegar chuchu né, encheu a mão dele a taturana. Menino do céu! É que ele tem alergia né, num pode nem marimbondo picar ele, nada, e ele já tá rapaz agora, e quando eu vi, mais esse menino endureceu esses braços tudo e ficando aqueles *vergãozão* branco, aqueles trem né. *Cês credita* que eu passei o álcool com jiló foi a mesma coisa que tirá com a mão, quando foi uns dez minuto ele já *tava durmindo* e pinguei... E dei água pra ele também, um *pouquim*, foi mesma coisa de tirar com a mão.

21min. 27s (Dona Nega): Que minha vó, que minha vó saia, saia pra arrancar raiz, sabe? Minha vó saia, não existia essas raízes pra vender, minha vó ia, porque ela fazia aqueles remédios com aquelas raízes, então ela saia no Cerrado pra arrancar, então *nois incrusive* na fazenda do meu pai tinha muito dessas raízes. Aí eu saia com minha vó e ela falava assim: ó minha filha isso aqui é bom pra isso, isso aqui é bom pra isso, isso aqui é bom pra isso, isso aqui chama isso, chama aquilo outro e tal, dava os nomes *dos remédio*, sabe? Então eu aprendi com a minha avó que eu não largava ela pra nada, onde ela *tava* eu *tava* junto (risos). E aí a melhor coisa que eu achava era tá com ela o dia todo, agora daí pra cá já num tem mais da onde a gente *rancá* aqui *ocê* num encontra, essas coisas *ocê* num encontra, *ocê* encontra comprado, lá em Uberlândia *ocê* encontra.

22min. 24s (Seu Paulo): Outra coisa que os menino precisa aprendê é ouvi os véio, num ficá só no meio da *catrevage* não, vai ouvir as pessoa de idade que seria melhor pra eles, ficar no meio só aprende o que num presta, num é *memo*? Assim, num adianta, né? Então se eles *aprendê* com *as pessoa* mais véia eles vai saí muito bem, né?

22min. 45s (Profª Lucia): Tem que ter experiência né?

22min. 46s (Seu Paulo): Tem, a gente aprende é com os outro. Até hoje eu tenho 68 ano, gosto de aprendê as coisa com os outro ainda, eu aprendo as coisa com *os novo*. Coisa que eu num sei eu aprendo com eles, uai. Aí tudo quanto há, ninguém nasceu sabendo, né todo mundo tem que *aprendê*, uai.

24min. 55s (Dona Odete): Se você que vai receber a benção não acreditar, de nada adianta. Ou eu que vou passar não tiver com fé, de nada adianta. Então a pessoa tem que vim com fé. E eu também tenho que tá com aquela fé, que aquilo vai valer. Cobreiro mesmo. *Cês* sabe que que é cobreiro? Às vezes um raminho, um bichinho encosta uma aranha, um *calanguinho*, uma lagartixa, um sapo mesmo encosta na pessoa e aí e dá aquela bolinha de água, e coça e vai esparramando. E fala assim quando encosta e não pode deixar encostar a cabeça com o rabo [né]. *Cê* tem que benzer [hem] antes de

encontrar a cabeça com o rabo. Aí, se a pessoa não tiver febre não adianta. Quando a pessoa tem febre, uma vez só que eu benzo ela sara. Agora quando ela fica meio assim às vezes *cê* precisa benzer três, cinco, sete ou nove vezes. Depende também o tanto que ele tá [né] porque às vezes ficou muitos dias sem benzer, sem descobrir o que que era.

25min. 58s (Seu Benedito): *Óia* remédio da farmácia o efeito dele é rápido, *cê* bebe ele em duas três hora *cê* *miora* e o remédio *casero* é lento é mais demorado, né.

26min. 11s (Dona Nega): *Postim* aqui pouco [coitado] esse povo atende. Remédio pouco você acha. *Cê* tem que correr mais é no Uberlândia. *Cê* tem que ir pro Uberlândia, pra você procurar mais rápido. Então chega lá tá aquele tumulto. Então acontece essas coisas difícil. E eu acho que se a gente... Um chá que você faz, te dá um alívio até você poder ir lá com mais calma, pra você ser atendida com mais calma também.

26min. 41s (Seu Paulo): Então não é só do médico não, tem outro remédio que é *bão* [né]. *Memo* do médico que *nóis* toma, tem *uns remédio* que num vale [né]. Então a gente, eu *memo* tô tomando esse aqui do médico. Esse aqui foi muito *bão*. Isso eu *tava* deitado sem poder levantar, o primeiro comprimido que eu tomei desse *remedim* aqui [oh] eu levantei. É dum farmacêutico muito *bão*. Eu pedi pra ele mandar pra mim. Ele mandou. Isso aqui foi uma beleza para mim.

27min. 16s (Seu Benedito): É eu sei muito remédio minha fia, mais *comu* eu num sei *iscreve*, as *veis* eu guardo na cabeça [né]. As *veis* eu faço remédio pra problema de coluna, mas i eu não escrevo nada. Eu mesmo que faço na minha ideia e uso. Como eu não sei *iscreve* eu não ponho. Porque era o certo *cê iscreve* [né] remédio fulano serve pra isso, serve *pra'quilo*, mais i eu *comu* num dô conta, eu faço na cabeça. As *veis* eu esqueço *d'algun*. Mais tem muita pessoa que conhece muito *miôr* do que eu. Eu tenho que uma hora pegar uma pessoa que sabe *iscreve* e eu [aí] saí nos mato aí oh fulano esse aí serve pra' quilo, serve pra isso, serve *pra'quilo*.

27min. 56s (Leonardo): Eu pude aprender mais sobre as plantas, sobre a conscientização, pra preservar. Durante todas as aulas a gente tinha um objetivo, conhecer mais sobre as plantas medicinais e sobre a preservação. A entrevista que eu mais gostei foi a da D. Nega, porque ela explicou bem a utilidade das plantas. Não só medicinal, falou também as utilidades pra cerca e tudo mais. Foi muito bom hoje no dia da gravação, porque todo mundo participou, os entrevistados se preocupou bastante com a preservação das plantas. Quando se utiliza a raiz das plantas, eles se preocupam em plantar de novo. Foi muito bom, porque todo mundo participou. Todo mundo gostou de mexer na câmara, de segurar o microfone, de ficar escutando se a conversa realmente foi boa. Então, foi muito interessante, porque todo mundo pode participar, todo mundo gostou, todo mundo pode expressar sua opinião e eu também pude expressar a minha. Gostei muito de conhecer mais sobre as plantas, porque até então eu não conhecia. E vai ser muito bom porque eu vou poder passar isso pra frente, porque alguém pode tá interessado. Porque não pôde comparecer ao projeto.

29min. 02s (Pedro Henrique): Bom, pra mim, como eu acho que pra eles também foi assim bom, porque a gente aprendeu a trabalhar em grupo. [é] Também dá um nervosismo na gente no começo, mais a gente acaba controlando isso. Supondo essa barreira. [é como se fala?]. e sobre as plantas que os moradores aqui a gente, bom,

porque se alguma pessoa na família da gente, qualquer pessoa que a gente conhecer tiver alguma doença. Doença não, algum problema, tipo uma asma. Problema na coluna, com esses moradores aqui mais antigo, que tem mais experiência, que fala pra *nóis*, *nóis* [é]. *Nóis* pega a informação com ele cumé que faz, qual planta que é, prepara o remédio. Pode salvar até alguma vida né. É eu achei bom porque a gente garante mais um pouquinho do futuro da gente né.

Encerramento: O documentário é finalizado mostrando algumas cenas das localidades de Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos, ao som de moda de viola tocada pelo Seu Paulo.